

P.C. CAST + KRISTIN CAST



destinada

UM ROMANCE DA CASA DA NOITE

Tradução de Susana Serrão

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para Allie Jensen, com afeto e apreço. A nossa magia funciona
por causa da tua magia!*

AGRADECIMENTOS

Estamos gratas à nossa fabulosa família da St. Martin's Press. Adoramos a nossa editora!

Como sempre, agradecemos à nossa agente e amiga, Meredith Bernstein, sem a qual a Casa da Noite não poderia existir.

Agradecemos à Escola Secundária Will Rogers por serem fixes e nos deixarem andar num edifício espantoso e transformá-lo em ficção. (Não, não se estragou *nada* no belíssimo prédio de estilo Art Déco para escrever este livro!)

Por falar em espantoso e belíssimo – um OBRIGADA gigantesco à comunidade da nossa terra. Adoramos a maneira como Tulsa apoia a sua Casa da Noite! Seguem-se pessoas e entidades particularmente espantosas e belas: Hotel Ambassador e restaurante Chalkboard, Moody's Fine Jewelry, Starbucks em Utica Square, Miss Jackson's, The Dolphin, restaurante The Wild Fork, Little Black Dress, museus Gilcrease e Philbrook, e associação Street Cats. Obrigada também aos nossos dedicados e maravilhosos fãs que têm vindo a Tulsa em excursões Casa da Noite! Os nossos fãs são o máximo!

Por último, mas NÃO menos importante: *Obrigada, Josh!* Pelas expressões típicas do Oklahoma mas principalmente por *tomares as rédeas*.

destinada



PRÓLOGO

Zoey

Acho que a minha mãe morreu. Experimentei as palavras em silêncio. Pareciam erradas, artificiais, como se eu tentasse abarcar o mundo de cabeça para baixo ou o Sol a nascer no oeste.

Suspirei fundo e virei-me na cama, estendendo a mão para tirar mais um lenço de papel da caixa que estava no chão ao lado da cama.

Stark resmungou, franziu o sobrolho e mexeu-se inquieto.

Lenta e cuidadosamente, saí da cama, agarrei na camisola enorme do Stark onde ele a largara, vesti-a, e enrolei-me no pufe que estava perto da parede do nosso quatinho nos túneis.

O pufe fez aquele barulho que me faz sempre lembrar insufláveis de festas infantis, e o Stark franziu o sobrolho e resmungou qualquer coisa outra vez. Assoei-me. Sem barulho. *Para de chorar para de chorar para de chorar! Não ajuda. Não traz a mãe de volta.* Pestanejei umas vezes e assoei-me outra vez. *Se calhar foi só um sonho.* Porém, mesmo quando as palavras me ocorreram, o meu coração sabia qual era a verdade. Nyx tirara-me da terra dos sonhos para me mostrar uma visão da mãe a entrar no Outro Mundo. Ou seja, a mãe tinha morrido. *A mãe disse a Nyx que lamentava ter-me desiludido*, lembrei a mim mesma quando as lágrimas me caíram pelas faces, outra vez.

— Ela disse que me adorava — sussurrei.

Não tinha feito barulho nenhum, mas o Stark remexeu-se na cama e resmungou:

— Para!

Fechei bem a boca, embora soubesse que não fora o meu sussurro a estragar-lhe o sono. Stark era meu Guerreiro, meu Guardiã, e meu namorado. Não, namorado é um termo demasiado simples. Há um vínculo entre mim e o Stark mais fundo do que namoros e sexo e essas coisas todas dos relacionamentos normais. Por isso é que ele estava tão inquieto. Ele sentia a minha tristeza – mesmo em sonhos sabia que eu chorava e estava magoada e assustada e...

Stark afastou as mantas do peito e vi que tinha a mão fechada em punho. Olhei para a cara dele. Ainda estava a dormir, mas tinha a testa franzida e o sobrolho também.

Fechei os olhos e respirei fundo para me centrar.

— Espírito — sussurrei. — Vem a mim, se faz favor. — Senti de imediato o elemento roçar-me na pele. — Ajuda-me. Não, ajuda o Stark, esconde dele a minha tristeza. — *E talvez, acrescentei em silêncio, pudesses ajudar a esconder parte da tristeza de mim também. Mesmo que seja só por um bocadinho.* Respirei fundo outra vez quando o espírito entrou em mim e me percorreu, até terminar na cama. Abri os olhos e até vi uma ondulação no ar em redor do Stark. Parecia que a pele dele brilhava quando o elemento assentou nele como um manto diáfano. Senti-me quente e olhei para os meus braços; vi a mesma radiância suave na minha própria pele. Stark suspirou fundo comigo enquanto o espírito fazia magia para nos acalmar e, pela primeira vez em horas, senti um bocadinho da tristeza amainar.

— Obrigada, espírito — sussurrei e cruzei os braços, abracei-me com força. Envolta no toque reconfortante do elemento de que me sentia mais próxima, até fiquei algo sonolenta. Foi então que entrou na minha consciência outra espécie de conforto. Devagar, sem querer perturbar o sortilégio caloroso que o elemento estava a fazer, abri os braços e toquei no peito.

Porque é que a minha pedra vidente está quente? A pedrinha redonda estava numa correntinha de prata pendurada ao meu pescoço, ficando-me entre os seios. Não a tirava desde que Sgiach ma oferecera antes de eu me vir embora da mágica e belíssima Ilha de Skye.

Intrigada, tirei a pedra de debaixo da camisola e passei os dedos pela superfície macia e marmórea. Ainda me fazia lembrar um *Life Saver*¹ com sabor a coco, mas o mármore de Skye cintilava com uma luz sobrenatural, como se o elemento que eu invocara lhe tivesse dado vida – como se o calor que eu sentia se devesse ao pulsar da vida encerrada nela.

¹ Rebuçados de hortelã-pimenta e fruta em forma de anel. (N. da T.)

A voz da Rainha Sgiach ecoou-me na memória: *Uma pedra vidente está sintonizada apenas com a mais antiga das magias: do tipo que eu protejo na minha ilha. Faço-te esta dádiva para que também possas reconhecer os Antigos se ainda existir algum no mundo lá fora...*

Enquanto as palavras dela me invadiam a mente, a pedra virou-se devagar, quase com preguiça. O burquinho ao meio era como um telescópio em miniatura. Quando se mexeu, vi Stark iluminado, e o meu mundo mexeu-se também, estreitou-se, e depois mudou tudo.

Talvez fosse por ter o espírito tão perto de mim nesse momento, mas o que vi não me pareceu nada como a primeira vez mirabolante em que espreeitei pela pedrinha em Skye e acabei por desmaiar.

Porém, não queria dizer que não fosse perturbante.

Stark estava lá, deitado de costas, a maior parte do tronco nu. A radiância do espírito desaparecera. No seu lugar, vi outra imagem. Era indistinta, e não reconheci feições. Era como a sombra de alguém. Stark mexeu o braço e abriu a mão. Apareceu a mão da sombra. Diante dos meus olhos, a espada de Guardiã – o espadeirão enorme que fora entregue a Stark no Outro Mundo – tomou forma na mão de Stark. Abri a boca admirada e o Guerreiro fantasma virou a cabeça na minha direção e fechou a mão no punho da espada.

De imediato, a espada de Guardiã transmutou-se, passando a uma lança comprida e preta – perigosa, mortífera, molhada em sangue que me parecia assaz conhecido. O medo foi como uma picada dentro de mim.

— Não! — gritei. — Espírito, fortalece o Stark! Manda essa coisa embora! — Ouviu-se um ruído como as asas a bater de um pássaro gigantesco e a aparição desapareceu, a pedra vidente ficou fria, e Stark sentou-se na cama, a fazer-me má cara.

— O que estás aí a fazer? — Stark esfregou os olhos. — Porque estás a fazer tanto barulho?

Abri a boca para tentar explicar a coisa bizarra que acabara de ver quando ele suspirou pesadamente e se voltou a deitar; depois afastou as mantas e fez-me sinal, num gesto sonolento.

— Anda cá. Não consigo dormir se não estiver aninhado contigo. E preciso mesmo de dormir alguma coisa.

— Pronto, está bem, eu também — disse eu e, de pernas bambas, fui deitar-me e aninhar-me ao seu lado, com a cabeça no ombro dele.

— Sabes, aconteceu uma coisa estranha — comecei, mas quando inclinei a cabeça para o fitar, Stark beijou-me. A surpresa não durou muito, e comecei a retribuir. Sabia bem – sabia tão bem estar junto dele. Stark

abraçou-me. Juntei o meu corpo ao seu quando os lábios dele me percorreram a curva do pescoço.

— Pensava que tinhas dito que precisavas de dormir. — A voz saiu-me sem fôlego.

— Preciso mais de ti — disse ele.

— Pois — disse eu. — Eu também.

Perdemo-nos um no outro a seguir. O toque de Stark apagou a morte e o desespero e o medo. Juntos recordámos um ao outro a vida, o amor e a felicidade. Depois adormecemos finalmente e a pedra vidente deixou-se ficar fria e esquecida no meu peito entre nós.



PRIMEIRO CAPÍTULO

Aurox

A carne do humano era macia, succulenta.
Fora uma surpresa a facilidade com que o conseguira destruir –
acabar com o bater daquele coração frágil.

— Leva-me ao norte de Tulsa. Quero sair para a noite — dissera ela.
Fora a ordem que começara a noite deles.

— Sim, Deusa — respondera ele de imediato, e saíra do canto da
varanda a que já chamava seu.

— Não me trates por Deusa. Trata-me por... — Ela fizera um ar
contemplativo. — ... Sacerdotisa. — Os lábios dela, cheios, luzidios e
avermelhados, curvaram-se para cima. — Creio ser mais avisado que to-
dos me tratem apenas por Sacerdotisa; pelo menos por enquanto.

Aurox levava o punho cerrado ao coração num gesto que soubera
instintivamente ser antigo, embora lhe parecesse constrangedor e força-
do.

— Sim, Sacerdotisa.

A Sacerdotisa passara por ele e fizera um gesto imperioso para ele a
seguir.

Ele seguira-a.

Fora criado para seguir. Para receber ordens. Para obedecer.

Tinham entrado numa coisa a que a Sacerdotisa chamara *carro*, e o
mundo parecera vertiginoso. A Sacerdotisa mandara-lhe compreender o
funcionamento da coisa.

Ele observara e aprendera, tal como ela mandara.

Depois pararam e saíram do carro.

A rua cheirava a morte e putrefação, podridão e imundície.

— Sacerdotisa, este sítio não é...

— Protege-me! — exclamara ela. — Mas não sejas protetor. Irei sempre aonde me aprouver, quando bem me aprouver, e farei exatamente o que me aprouver. O teu trabalho, não, a tua *missão* é derrotar os meus inimigos. O meu destino é ganhar inimigos. Observa. Reage quando eu te mandar proteger. Não exijo mais nada de ti.

— Sim, Sacerdotisa — dissera ele.

O mundo moderno era um lugar confuso. Tantos ruídos instáveis. Tanta coisa que ele desconhecia. Faria o que a Sacerdotisa mandava. Cumpriria o motivo para que fora criado e...

Aparecera um homem, atalhando o caminho da Sacerdotisa.

— És muito gira para andares nesta viela a estas horas só com um putu a acompanhar-te. — O homem arregalou os olhos quando viu as tatuagens da Sacerdotisa. — Então, vampyra, paras aqui para um lanchinho aqui do putu? E se me passares essa carteira e depois eu e tu vamos ter uma conversinha para saberes como é um homem a sério?

A Sacerdotisa suspirou e a voz saiu-lhe num tom aborrecido.

— Estás enganado nas duas afirmações: não sou uma simples vampyra e ele não é putu nenhum.

— Eh lá, o que queres dizer com isso?

A Sacerdotisa não ligou ao homem e olhou para trás, por cima do ombro, para Aurox.

— Agora debes proteger-me. Mostra-me o tipo de arma que tenho ao meu serviço.

Ele obedeceu-lhe quase sem um pensamento consciente. Aurox acercou-se do homem sem hesitar. Num movimento célere, Aurox espetou os polegares nas órbitas do homem, e começaram os gritos.

O terror do homem assolou-o, alimentou-o. Tão simples como inspirar, Aurox inalou o sofrimento que causava. O poder do terror do homem inchou dentro dele, percorreu-o com frio e calor. Aurox sentiu as próprias mãos a endurecerem, a mudarem, a *umentarem*. O que eram dedos normais passou a garras. Tirou-as dos olhos do homem quando o sangue começou a sair-lhe pelas orelhas. Com o poder emprestado da dor e do medo, Aurox levantou o homem no ar e atirou-o contra a parede do prédio mais próximo.

O homem tornou a gritar.

Mas que emoção maravilhosa, terrível! Aurox sentiu a mudança continuar de corpo inteiro. Os pés humanos passaram a cascos fendidos. Os músculos das pernas engrossaram. O peito inchou e rasgou a camisa

que ele tinha vestida. Assombro dos assombros, Aurox sentiu os chifres grossos e mortíferos que lhe brotavam da cabeça.

Quando os três amigos do homem apareceram na viela para o socorrer, já ele parara de gritar.

Aurox largou o homem em cima da imundície e virou-se para ficar entre a Sacerdotisa e os que pensavam poder fazer-lhe mal.

— Mas que raio? — O primeiro homem estacara.

— Nunca vi uma cena destas — disse o segundo.

Aurox já estava a absorver o medo que começara a irradiar deles. A sua pele latejava com o fogo frio desse medo.

— São cornos? Raios me partam! Vou bazar. — O terceiro homem virou-se e fugiu por onde viera. Os outros dois começaram a recuar devagar, de olhos arregalados, chocados e pasmados.

Aurox olhou para a Sacerdotisa.

— Que ordem tens para me dar? — Num cantinho da sua mente, Aurox espantou-se com o som da própria voz — como ficara tão gutural, tão animalesca.

— O sofrimento deles dá-te mais força. — A Sacerdotisa parecia contente. — E ficas *diferente, mais feroz*. — Ela olhou para os dois homens que recuavam e o seu lábio superior mexeu-se num esgar. — Mas que interessante... Mata-os.

Aurox mexeu-se tão depressa que o homem mais próximo não teve hipótese de fugir. Aurox espetou-lhe os cornos no torso, levantou-o no ar e o homem contorceu-se, guinchou e borrou-se todo.

Aurox sentiu-se ainda mais possante.

Com um safanão pujante da cabeça de Aurox, o homem empalado foi projetado na parede do prédio e aterrou informe e mudo ao lado do primeiro.

O outro homem não fugiu. Sacou de uma faca comprida e com ar perigoso, avançou para Aurox.

Aurox desviou-se e, quando o homem atacou, pisou-lhe o pé com o casco e rasgou-lhe a cara quando o homem caiu para a frente.

A arquejar, Aurox postou-se ao lado dos corpos dos inimigos derrotados. Virou-se para a Sacerdotisa.

— Muito bem — disse ela numa voz desprovida de emoção. — Vamo-nos daqui antes que apareçam as autoridades.

Aurox seguiu-a. Caminhava pesadamente, os cascos a abrirem sulcos na terra batida da viela. Cerrou as garras ao longo do corpo e tentou dar sentido à tempestade emocional que lhe assolava o corpo, que lhe levava o poder que alimentara o frenesim da batalha.

Fraco. Sentia-se fraco. E mais. Havia mais qualquer coisa.

— O que se passa? — perguntara ela quando o vira hesitar para voltar ao carro.

Ele abanou a cabeça. — Não sei. Sinto...

Ela riu-se.

— Tu não sentes nada. Estás a pensar de mais nisto. A minha faca não sente. A minha pistola não sente. Tu és a minha arma, tu matas. Não és mais nada.

— Sim, Sacerdotisa. — Aurox entrara no carro e deixara o mundo correr. *Eu não penso. Eu não sinto. Eu sou uma arma.*

Aurox

— Porque estás aqui a olhar para mim? — perguntou a Sacerdotisa, a mirá-lo com olhos de gelo verde.

— Aguado ordens tuas, Sacerdotisa — disse ele ato contínuo, a pensar como era possível ter-lhe desagradado. Tinham acabado de regressar ao covil dela no topo de um edifício magnífico chamado Mayo. Aurox fora para a varanda e ficara simplesmente ali, sossegado, a olhar para a Sacerdotisa.

Ela exalou fundo.

— De momento não tenho ordens para ti. Tens de estar sempre a olhar para mim?

Aurox desviou o olhar, mirou as luzes da cidade e admirou-lhes o brilho cativante no céu noturno.

— Aguado as tuas ordens, Sacerdotisa — repetiu ele.

— Oh, por todos os deuses! Quem diria que o Veículo criado para mim seria idiota e bonito?

Aurox sentiu a mudança no ar antes de a Escuridão se materializar em fumo, sombras e noite.

Idiota, bonito e mortífero...

A voz ressoou na sua cabeça. O enorme touro branco formou-se completamente diante de si. O hálito era fétido, mas doce. O olhar era, a um tempo, horrível e maravilhoso. Ele era mistério, magia e mortandade num só.

Aurox ajoelhou-se diante da criatura.

— Não te ponhas de joelhos. Levanta-te e vai para ali... — Ela fez

um gesto de descaso e apontou para as sombras que cobriam o outro extremo do telhado.

Não, prefiro que ele fique. Apraz-me contemplar as minhas criações.

Aurox não sabia o que dizer. Aquela criatura tolhia-lhe a atenção, mas a Sacerdotisa tolhia-lhe o corpo.

— Criações? — A Sacerdotisa sublinhou mais a segunda parte da palavra e acercou-se languidamente do touro maciço. — Costumas dar prendas destas aos teus seguidores?

O riso do touro era terrível, mas Aurox reparou que a Sacerdotisa não se encolhia diante dele – até se aproximava mais e mais da criatura enquanto falava.

Interessante! Estás mesmo a interrogar-me. Tens ciúmes, minha desumana?

A Sacerdotisa afagou o corno do touro. — Tenho de ter?

O touro afagou-a com o focinho. Quando lhe tocou, a seda do vestido dela mirrou e desvelou a carne nua e macia por baixo.

Diz-me, qual crês ser a missão da prenda que te fiz? O touro respondeu à pergunta da Sacerdotisa com outra.

A Sacerdotisa pestanejou e abanou a cabeça, como se estivesse confusa. Depois olhou para Aurox, ainda de joelhos. — Meu senhor, a missão dele é de proteção, e eu estou pronta a obedecer-te em agradecimento por ele.

Aceitarei as tuas oferendas exuberantes mas devo explicar-te que Aurox não é meramente uma arma de proteção. Aurox tem uma missão e essa missão é lançar o caos.

A Sacerdotisa inalou fundo, chocada. Pestanejou rapidamente, deixou de olhar para o touro, contemplou Aurox, e voltou a fitar o touro.

— Deveras? — indagou ela numa voz suave e reverente. — Por via desta única criatura, posso criar o caos?

Os olhos brancos do touro eram como o ocaso de uma lua doentia. *Deveras. Ele é, de facto, uma única criatura, mas o poder que tem é vasto. Ele tem a capacidade de deixar um rasto de catástrofe. Ele é o Veículo que é a manifestação dos teus sonhos mais profundos, e não são eles de caos completo e absoluto?*

— Sim, oh, sim. — A voz da Sacerdotisa saiu-lhe sem fôlego. Ela encostou-se ao cachaço do touro, afagou-lhe o flanco.

Ah, e o que farás com o caos agora que o podes manipular? Arrasarás as cidades dos humanos e reinarás como rainha vampyra?

O sorriso da Sacerdotisa era belo e horrível. — Rainha, não. Deusa.

Deusa? Mas já há uma Deusa dos Vampyros. Sabes disso muito bem. Outrora estavas ao seu serviço.

— Referes-te a Nyx? A Deusa que permite livre escolha aos seus la-
caios e vontade própria? A Deusa que não intercede porque crê fortemen-
te no mito do livre-arbítrio?

Aurox achou que conseguia ouvir o sorriso na voz da besta, e ficou a
pensar como seria possível tal.

*Refiro-me a Nyx, Deusa dos Vampyros e da Noite. Usarias o caos para
a desafiar?*

— Não, usaria o caos para a derrotar. E se o caos ameaçar o próprio
tecido do mundo? Nyx não avançaria em desafio das próprias regras para
salvar os seus filhos? E assim a Deusa não revogaria o édito que concede
aos humanos livre-arbítrio, traindo-se por isso? O que aconteceria ao seu
divino reinado se Nyx mudar o que está destinado?

*Não sei dizer, pois nunca antes aconteceu. O touro resfolegou, como
se estivesse a divertir-se. Mas é uma questão surpreendentemente interes-
sante – e tu sabes o quanto me aprazem as surpresas.*

— Só espero poder continuar a surpreender-te muitas vezes, meu
senhor.

“Só” é uma palavra tão diminuta... disse o touro.

Aurox continuou de joelhos no telhado muito depois de a Sacerdo-
tisa e o outro desaparecerem, o deixarem esquecido e abandonado. Ficou
onde o deixaram, a contemplar o firmamento.



SEGUNDO CAPÍTULO

Zoey

— Um miniautocarro, a sério? — Só consegui abanar a cabeça e olhar para a coisa amarela atarracada que dizia CASA DA NOITE em letras pretas dos lados.

— Quer dizer, é bom que o meu telefonema para a Tanatos tenha funcionado tão depressa e que nos deixem voltar às aulas, mas um *miniautocarro*?

— Gémea! Mandaram a carrinha dos atrasados mentais! — exclamou Erin a rir-se.

— Gémea, mas que mazinha que tu és — disse Shaunee.

— Pois sou, Gémea. Não posso crer que a Neferet seja tão má que nos tenha mandado a carrinha dos atrasados — continuou Erin.

— Não, não me refiro à maldade da Neferet. Refiro-me à maldade que é tu chamares *atrasados mentais* — explicou Shaunee e revirou os olhos à Gémea.

— Parece-me que a Shaunee tem razão, e que *vocês* deviam pensar em expandir o vocabulário. Já usaram *maldade* vezes de mais, já é redundante — disse Damien.

Shaunee, Erin, Stevie Rae, Refaim e eu ficámos pasmados a olhar para Damien. Eu sabia que estávamos todos a pensar que era ótimo ouvi-lo torrar-nos a paciência com a treta do vocabulário outra vez, mas não queríamos dizer nada porque tínhamos miúfa que ele desatasse a chorar e voltasse à depressão chorosa que o assolava desde que Jack morrera.

Afrodite e Dário escolheram o momento para saírem da cave do depósito e, como de costume, Afrodite franqueou o espaço entre decoro e

desastre, invocando a sua única regra provada e comprovada: Só o Bom Aspeto Interessa.

— Oh, pela alminha das minhas cuecas, eu é que não entro naquilo. O miniautocarro é para ‘trasadinhos — disse Afrodite; resfolegou e sacudiu o cabelo.

— Minha gente, não é assim tão mau. Quer dizer, é obviamente uma carrinha nova. Vejam só as letras da Casa da Noite acabadas de pintar — disse Stevie Rae.

— Melhor seria que dissesse Suicídio Social — disse Afrodite, a fazer má cara para Stevie Rae.

— Não vais ser desmancha-prazeres. Eu *gosto* de ir às aulas — afirmou Stevie Rae. Entrou no miniautocarro e sorriu para o Guerreiro Filho de Erebus que lhe abriera a porta sem sorrir.

— Sacerdotisa. — Ele saudou-a com um aceno de cabeça muito sério, e depois, sem ligar nenhuma ao nosso próprio Guerreiro Filho de Erebus, Dário, olhou para mim e, com um aceno ainda mais tenso, declarou:

— Tenho a informar que a Zoey e a Stevie Rae estão convocadas para uma Reunião do Conselho da escola, a qual terá lugar daqui a trinta minutos.

— Muito bem, o Stark está a dizer a toda a gente que tu já cá estás, não demora nada a ficarmos todos prontos — disse eu, a sorrir-lhe como se a má catadura dele não me incomodasse.

— Minha gente, ainda cheira a novo! — chamou Stevie Rae. Vi-lhe os caracolinhos louros a balouçarem enquanto ela revistava tudo. Depois assomou à porta, saltitou pelos degraus e veio pegar na mão do Refaim e sorriu-lhe.

— Queres vir lá atrás comigo? Aquilo abana tudo!

— A sério — ralhou Afrodite. — O miniautocarro é perfeito para ti; tu és atrasadinha. E detesto ter de te dizer – não, espera, é mentira, não detesto nada – mas mesmo que o Alto Conselho dos Vampyros tenha claramente feito pressão sobre a Neferet e a tenha obrigado a aceitar-nos de volta nas aulas, o passarão ainda não é bem-vindo. Já te esqueceste, na nuvem cor-de-rosa em que vocês devem andar nos um vírgula dois segundos desde o crepúsculo até agora em que ele já não é pássaro?

Vi Stevie Rae apertar a mão de Refaim.

— Pois tu fica sabendo que já passou mais de um vírgula dois segundos desde o crepúsculo, e que não tens nada a ver com o que andamos a fazer, e que o Refaim *vai* às aulas. Como todos nós.

As sobrancelhas louras de Afrodite quase desapareceram pela testa acima.

— Não estás a reinar, pois não?

— Não — disse Stevie Rae firmemente. — E tu devias compreender isso melhor do que ninguém.

— Eu? Compreender? Mas de que raio estás a falar?

— Tu não és iniciada, nem vermelha nem normal. Tu não és vampyra. Se calhar nem sequer és humana.

— Porque é uma megera — ouvi Shaunee sussurrar.

— Do inferno — sussurrou Erin também.

Afrodite semicerrou os olhos para as Gémeas verem, mas Stevie Rae ainda não tinha terminado.

— Tal como o Refaim, tu não és normal, mas Nyx deu-te a sua bênção — *mesmo* que nenhum de nós compreenda porque havia ela de fazer isso. Seja como for, tu vais às aulas, eu vou às aulas. O Refaim também. Mais nada.

— A Stevie Rae tem razão — disse Stark à cabeça do resto dos iniciados vermelhos, os quais saíam todos do depósito. — A Neferet não vai gostar, mas Nyx perdoou e abençoou o Refaim.

— Em frente da escola inteira — acrescentou Stevie Rae rapidamente.

— Eles sabem disso — murmurou-lhe Refaim. Depois olhou para nós todos e parou em mim. — O que te parece? — Fiquei admirada com a pergunta. — Devo tentar ir à Casa da Noite, ou isso será arranjar problemas por nada?

Todos ficaram a olhar para mim. Com uma olhadela rápida ao Guerreiro Filho de Erebus impassível que estava dentro da carrinha, eu disse:

— Hum, não se importam de ir entrando? Tenho de falar com os meus... hum... — Calei-me e fiz um gesto para abarcar Afrodite, Stevie Rae e o resto dos amigos mais chegados.

— O teu círculo — atalhou Stevie Rae, a sorrir-me. — Vais falar com o teu círculo.

— E seus *accoutrements* — acrescentou Damien, a apontar com a cabeça para Afrodite, Dário e Kramisha.

Sorri. — Agrada-me! Pronto, não se importam de ir entrando enquanto eu falo com o meu círculo e seus *accoutrements*, se faz favor?

— Não sei bem se gosto que me chamem *accoutrements* — disse Kramisha, de olhos semicerrados para mim.

— Quer dizer... — começou Stevie Rae, mas Kramisha interrompeu-a a abanar a cabeça.

— Eu sei o que quer dizer, só digo que não sei se me agrada.

— Não te importas de escrever isso no diário e de te calares agora e

ires com a Zoey para nos despacharmos com isto? — perguntou Afrodite, enquanto Kramisha sorvia ar e fazia má cara. — E para que conste — Afrodite apontou para toda a gente menos Dário, — vocês são a Manada dos Marados. Eu sou o prémio Popular e Perfeita.

As Gémeas ficaram com ar de quem ia atacar verbalmente Afrodite, pelo que eu disse:

— Malta, orientem-se. A pergunta do Refaim é importante. — Felizmente, toda a gente se calou e eu fiz sinal ao meu círculo, aprestos e Afrodite que me seguissem pelo passeio fora até não nos poderem ouvir, enquanto os iniciados vermelhos entravam no miniautocarro e eu tentava freneticamente pensar na pergunta muito importante de Refaim.

Sentia a cabeça feita em papa. A noite anterior fora horrorosa. Olhei para Stark e senti-me corar. Bom, não tinha sido horrorosa a noite toda mas, mesmo assim, eu tinha a cabeça cheia de interrogações. Dei um abanão mental a mim própria. Eu já não era apenas uma miúda. Era a primeira Sumo-Sacerdotisa Iniciada e aquela gente toda dependia de mim para Saber as Respostas Certas (bom, para tudo menos Geometria, traduções de Espanhol e estacionar de marcha-atrás).

Por favor, Nyx, faz com que eu diga a coisa certa. Fiz esta prece rápida e silenciosa, depois fitei Refaim e, de súbito, apercebi-me de que não era da *minha* resposta que todos precisávamos.

— O que queres tu? — perguntei-lhe.

— Bom, ele quer... — começou Stevie Rae, mas eu levantei a mão e a minha Melhor Amiga emudeceu.

— Não — disse eu. — Não podes ser tu a dizer o que o Refaim quer, nem o que tu queres para ele. Preciso da resposta do Refaim. Portanto, qual é? O que queres tu? — repeti.

Refaim sustentou o meu olhar.

— Quero ser normal — declarou.

Afrodite resfolegou.

— Infelizmente, ser normal mais ser adolescente é igual a ir às estúpidas das aulas.

— As aulas não são estúpidas — disse Damien, e depois virou-se para Refaim. — Mas ela tem razão quanto à normalidade. Os miúdos normais andam na escola.

— Pois — disse Shaunee.

— É uma seca, mas sim — disse Erin. — E é um excelente desfile de moda.

— Estás carregadinha de razão, Gémea — disse Shaunee.

— O que significa isso? — perguntou Refaim a Stevie Rae.

Ela sorriu-lhe. — Que tu devias vir às aulas conosco.

Ele sorriu também, o amor e o carinho a animarem-lhe o rosto. Quando tirou os olhos dela e me encarou, aquela expressão maravilhada ainda lá estava e eu não pude evitar sorrir também.

— Se o normal é andar na escola, então é isso que eu gostaria de fazer. Se não causar muitos problemas.

— Vai causar problemas, não tenhamos dúvidas quanto a isso — disse Dário.

— Não te parece que ele deva ir? — perguntei-lhe.

— Não foi isso que eu disse. Concordo contigo que a escolha é dele, a decisão é dele, mas Refaim, tens de compreender que seria mais fácil que quisesse ficar aqui – longe do caminho – pelo menos até vermos o que Neferet e Kalona andam a arquitetar.

Achei que tinha visto Refaim encolher-se ao ouvir o nome do pai, mas ele assentiu e disse:

— Compreendo sim, mas estou farto de me esconder na escuridão. — Refaim olhou para Stevie Rae e depois para nós outra vez. — E a Stevie Rae pode precisar de mim.

— Pronto, sabem, isso de “deixar o passarão decidir” e “a Stevie Rae pode precisar de mim” até pode estar muito bem e todos contentinhos, mas na realidade vamos entrar numa escola onde a Sumo-Sacerdotisa louca desvairada nos odeia, e há de usar tudo para dar cabo de nós, e refiro-me especificamente a ti, Z. Já para não falar do Dragão, o Líder dos Guerreiros Filhos de Erebus, o qual não anda nada bem desde que a parceira morreu às mãos aqui do tipo que queremos levar para a escola. A Neferet vai usar o Refaim contra nós. O Dragão vai apoiá-la. Vai ser uma merda pegada.

— Bom — disse eu. — Já não seria a primeira vez.

— Hum, posso dizer uma coisa? — Damien tinha a mão no ar como se estivesse nas aulas à espera que o chamassem.

— Podes, fofo, e não é preciso pôr a mão no ar — disse eu.

— Ah, pronto, obrigado. Queria dizer que temos de nos lembrar de que, quando Nyx apareceu na Casa da Noite, perdeu e abençoou o Refaim, foi como dar-nos autorização para incluir o Refaim no nosso mundo. A Neferet não se pode declarar contra isso – abertamente não, pelo menos. O Dragão também não. Se gostam ou não, não vem ao caso.

— Mas declararam-se — atalhou Stark. — A Neferet perguntou ao Dragão se ele aceitava o Refaim, ele disse que não, e ela mandou-o embora da escola. A Stevie Rae disse que era treta, e por isso é que nos viemos todos embora.

— Pois, e lá porque o Alto Conselho conseguiu pressionar a Neferet a deixar-nos voltar às aulas, não quer dizer que vamos ser bem aceites. Tenho a certezinha que ela e o Dragão, além de muitos outros na escola, não estão pelos ajustes com isto. — Afrodite fez um gesto na direção de Refaim.

Damien falou antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

— Bom, a verdade é que nem a Neferet nem o Dragão podem sub-rogar a vontade da Deusa.

— Sub quê? — perguntou Shaunee.

— Rogar quem? — acrescentou Erin.

— Significa substituir-se — explicou Stevie Rae em vez de Damien. — E é uma questão deveras interessante, Damien. Ninguém pode sub-rogar a Deusa, nem sequer uma Sumo-Sacerdotisa.

— Conseguem imaginar o que aqueles empedernidos do Alto Conselho dos Vampyros diriam disso? — Afrodite revirou os olhos. — Uma ninhada de gatinhos — aliás, elas até pariam várias ninhadas de gatinhos voadores. Cada uma.

Pestanejei e tive de reprimir uma vontade súbita de abraçar Afrodite. Bom, a vontade passou depressa, mas mesmo assim.

— Afrodite — disse eu. — És um génio! E o Damien também.

— Claro que sou — disse Afrodite, toda presunçosa.

— Vais denunciar a Neferet e o Dragão ao Alto Conselho, não vais? — perguntou Damien.

— Creio que “denunciar” não é o termo correto. Hum, tens o portátil contigo, não tens? — perguntei-lhe.

Damien deu palmadinhas na sacola que tinha a tiracolo.

— Claro que tenho, aqui na pasta.

— Malinha de gajo — corrigiu Shaunee.

— É uma opinião — acrescentou Erin.

— É uma pasta europeia — afirmou Damien.

— Se tiver penas... — começou Erin.

— E se piar... — rematou Shaunee.

— Seja lá o que for, ainda bem que tens o portátil contigo — atalhei antes que Damien derrubasse as Gémeas com palavras de sete e quinhentos. — Tens o Skype instalado, não tens?

— Tenho — respondeu ele.

— Ótimo. Preciso de levar o portátil para a Reunião do Conselho, se não te importares.

— Na boa — disse Damien, e ergueu o sobrolho num ar inquiridor.

— Em que estás a pensar? — Stevie Rae perguntou antes que ele o fizesse.

— Bom, quando pedi ajuda à Tanatos para podermos voltar à escola, não mencionei o facto de estarmos assim a modos que numa sucursal da nossa própria Casa da Noite aqui, e ainda vamos às aulas na Casa da Noite original, e tal.

— Temos de pensar num nome fabuloso para a nossa casa — disse Shaunee.

— Ooooh! Tens razão, Gémea — disse Erin.

— Pois se é nos túneis, que tal Submundo? — alvitrou Shaunee.

Olhei para elas. Abanei a cabeça e disse com firmeza:

— Não é submundo de certezinha. — Depois voltei à questão original. — Mas tenho de fazer uma videoconferência no Skype com o Alto Conselho dos Vampyros para pedir autorização para o que queremos fazer. Uma Reunião do Conselho da escola parece-me boa altura, especialmente dado que tenho a certeza de que a Neferet vai adorar que eu lhe peça que assista à chamada.

— Z, parece-me um plano fracote. A Neferet vai adorar falar com o Alto Conselho e arranjar maneira de distorcer tudo o que dizes para ficares com ar de Adolescente Tarada — disse Afrodite.

— É mais ou menos isso que quero dizer — continuei. — Não vou ser a Adolescente Tarada. Vou ser a Sumo-Sacerdotisa Iniciada que conta ao Alto Conselho todos os pormenores sobre a maravilhosa e espantosa dádiva que Nyx deu ao Consorte da nossa Sumo-Sacerdotisa Vermelha, Refaim, e que ele está todo animado para começar as aulas na Casa da Noite de Tulsa. Tenho a certeza que elas até hão de querer felicitar a Neferet por ser uma Sumo-Sacerdotisa fabulosa que sabe lidar com todas as mudanças que se dão por aqui.

— Manhoso. Agrada-me — sentenciou Afrodite. — Vais pôr a Neferet, e até o Dragão, numa posição em que se eles disserem “era o que faltava aceitarmos o passarão”, ou nem que seja fazerem queixinhas sobre isso, vais ficar-lhes muito mal – depois de Nyx aparecer e fazer milagres.

— Mesmo assim não vai ser um caminho fácil — disse Stark.

Refaim encarou-o. — Por mais difícil que seja, será um caminho melhor do que aquele que leva à escuridão e ao ódio e à morte. E parece-me que sabes perfeitamente o que quero dizer.

— Pois sei — disse Stark, e encarou-o sem vacilar.

— Eu também — disse Stevie Rae.

— E eu — acrescentei.

— Então estamos todos de acordo. Refaim volta à Casa da Noite connosco — declarou Dário.

— Pronto. Esperem lá, isso quer dizer que temos de ir no maldito miniautocarro? — perguntou Afrodite.

— Sim! — dissemos todos em uníssono.

A rir-me e a sentir-me mais leve do que naqueles últimos dias, entrei para o miniautocarro com os meus amigos, e dei um encontrão com o ombro a Stark quando nos sentámos juntos. Ele mal olhou para mim. Foi nessa altura que me apercebi de que ele não me dissera grande coisa (nem a ninguém) desde que tínhamos acordado. Lembrei-me da nossa intimidade – de como ele me tocara e fizera ficar tudo bem no mundo outra vez –, pus-me a morder o lábio e senti-me muito confusa. Tornei a olhar para ele. Estava a olhar pela janela. Parecia cansado. Mesmo cansado.

— Ouve, o que se passa contigo? — perguntei, já o miniautocarro descia a Cincinnati Street rumo à zona comercial da cidade.

— Comigo? Nada.

— A sério, estás mesmo com ar de cansado. Sentes-te bem?

— Zoey, tu acordaste-me e fizeste-me ficar a pé a maior parte do dia de ontem. Depois ligaste à Tanatos para começar o processo de voltar às aulas, o que não foi exatamente uma conversa calma e pacífica. Eu acabara de adormecer quando tu gritaste qualquer coisa e me acordaste outra vez. Foi ótimo fazer amor. — Ele calou-se e, por uma fração de segundo, sorriu e quase pareceu normal. Depois abriu a boca e estragou tudo:

— Depois disso não paravas de te mexer até amainares finalmente. Não consegui voltar a adormecer. Estou cansado. Mais nada.

Olhei para ele e pestanejei. Duas vezes. Tentei não me sentir como se ele me tivesse dado uma bofetada. Falei baixinho porque não queria aturar os meus amigos se soubessem, e disse:

— Pronto, tirando isso tudo de ter de ligar à Tanatos para podermos voltar às aulas, coisa que me compete fazer porque sou a Sumo-Sacerdotisa encarregada desta gente, e o facto de seres *tu* a fazeres-te a *mim* quando eu só queria aninhar-me para dormir, *a minha mãe morreu, Stark*. Nyx deixou-me vê-la no Outro Mundo. Neste momento ainda não sei como nem porque é que aconteceu. Estou a esforçar-me como o caraças para agir normalmente. Ainda nem sequer falei com a minha avó.

— Pois não, não falaste. Eu disse-te que lhe devias ter telefonado logo a seguir – ou pelo menos ligado à tua mãe. E se tudo não passar de um sonho?

Olhei para o Stark completamente incrédula, e tentei não falar alto nem me descontrolar.

— Tu és quem neste mundo mais devia compreender que eu sei

muito bem ver a diferença entre ver *mesmo* o Outro Mundo e sonhar com ele.

— Pois sim, mas...

— Mas estás a dizer que eu deveria ter passado por isso tudo sem ter perturbado o teu soninho precioso? Bom, tirando para fazer sexo contigo!

Fechei bem a boca e tentei fazer um ar normal quando vi Afrodite virar-se no banco e olhar para mim com ar inquiridor.

Stark exalou fundo.

— Não, não é isso que quero dizer. Desculpa, Z. — Depois pegou-me na mão. — A sério. Estou a ser um parvo.

— Pois estás — disse eu.

— Desculpa, outra vez — disse ele, e deu-me um encontrão com o ombro. — Podemos rebobinar esta conversa?

— Está bem — disse eu.

— Então vá, estou cansado e isso faz-me ficar estúpido. Acerca da tua mãe, não sabemos bem o que se passou e acho que isso nos está a fazer desatinar aos dois. Mas dê lá por onde der, eu adoro-te, mesmo sendo um parvo. Está bem assim? Melhor?

— Está bem. Assim. Melhor — anuí.

Deixei ficar a mão nas dele e olhei pela janela quando virámos à esquerda na Fifteenth Street, passámos o Gumpy's Garden, que deixa sempre no ar o aroma a pinho, e descemos a Cherry Street. Quando chegámos a Utica, e passámos a Twenty-First, eu já ia completamente absorta de ralação com a minha mãe e a minha avó – e a pensar se Stark teria razão em duvidar do que eu achava ter sido uma visão. Quer dizer – eu não tinha notícias da avó. E se tudo não passasse de um pesadelo...

— É sempre tão bonito. — A voz de Damien ouviu-se da parte da frente da carrinha que ele escolhera automaticamente para si. — Quando vemos daqui, é muito difícil acreditar que possam acontecer lá coisas horríveis e destrutivas.

Ouvi-lhe o desgosto na voz, apertei a mão de Stark uma vez antes de a soltar, e fui sentar-me ao lado de Damien.

— Ouve — comecei, e meti o braço no dele, — não te podes esquecer de que também lá acontecem coisas boas e construtivas. Nunca te esqueças de que lá conhecestes o Jack e te apaixonaste por ele.

Damien olhou para mim e achei-o triste, mas com um ar mesmo, mesmo sensato.

— Como tens passado sem o Heath?

— Tenho saudades dele — respondi com sinceridade. Depois algo

me impeliu a acrescentar: — Mas não quero ficar como o Dragão, consumido pelo desgosto.

— Eu também não — disse Damien baixinho. — Embora por vezes seja difícil.

— Ainda não passou quase tempo nenhum.

Ele apertou os lábios, como que para não chorar, e assentiu.

— Vais ultrapassar isto — asseverei. — E eu também vou. Vamos. Juntos — afirmei.

Depois passámos pelo portão de ferro forjado que tinha o brasão da meia-lua no meio, e contornámos a escola até à entrada lateral.

— A Reunião do Conselho da escola começa às sete e trinta — anunciou o Guerreiro Filho de Erebus quando o miniautocarro estacou. — As aulas começam às oito horas em ponto, como deve ser.

— Obrigada — disse-lhe eu, como se ele tivesse sido simpático (ou mostrado respeito). Depois olhei para o telemóvel, 7:20. Faltavam dez minutos para a reunião e quarenta para começarem as aulas. Levantei-me e olhei para trás, para o grupo de miúdos obviamente nervosos.

— Muito bem — comecei, — vão para as vossas salas e esperem lá pelo que vier a seguir. Eu, a Stevie Rae e o Stark vamos à Reunião do Conselho e, como dizem na Ilha de Skye, dar caminho aos horários permanentes do Refaim e de vocês todos.

— E eu? Não vou à Reunião? — perguntou Kramisha. — Costuma ser uma seca, mas aposto que hoje vai ser melhor do que o costume.

— Tens razão — disse eu. — Já é altura de eles começarem a incluir-te automaticamente, junto comigo e com a Stevie Rae.

— E eu para onde vou? — perguntou Refaim do fundo do miniautocarro.

Fiquei a pensar, a tentar perceber para onde diabo deveria ele ir, quando Damien se levantou a meu lado.

— Podes vir comigo – pelo menos por hoje. Se a Zoey e a Stevie Rae não se importarem.

Sorri para Damien. Acho que nunca tive tanto orgulho nele. Toda a gente andaria ralada com ele e a tratá-lo com se ele fosse de vidro e pudesse desfazer-se a qualquer momento, mas com Refaim agarrado a ele, ninguém se atreveria a fazer-lhe perguntas, com medo de incomodarem o Damien.

— Obrigada — disse eu.

— Parece-me mesmo boa ideia, Damien — disse Stevie Rae.

— Então pronto. Portem-se com naturalidade — disse eu. — Encontramo-nos todos aqui depois das aulas.

— A minha primeira aula é de Sortilégios e Rituais — ouvi Afrodite resmungar para Dário. — E há uma vampe nova a dar a aula que parece não ter mais de doze anos. Deve ser giro.

— Não se esqueçam — recomendou Stevie Rae, e lançou um olhar acutilante a Afrodite, a qual não ligou nenhuma, — *sejam simpáticos*.

Sáímos do miniautocarro em fila indiana. Percebi o quanto custava a Stevie Rae deixar Refaim ir com Damien. Não sabíamos bem naquilo que nos iríamos meter, mas tínhamos noção de que as hipóteses de ele ser aceite e tratado como o miúdo normal que ele desejava ser eram poucas ou nenhuma.

Quando eu, Stevie Rae, Stark e Kramisha ficámos sozinhos, perguntei:

— Prontos a entrar na toca do leão?

— A mim parece-me mais tropeçar num ninho de vespas — disse Kramisha. — Mas estou pronta.

— Eu também. Vamos lá a enfrentar as vespas e a despachar isto.

— Boa — disse eu.

— Boa — repetiram eles.

E entrámos num futuro que já me estava a dar voltas ao estômago e a fazer sentir a ameaça iminente de um ataque de diarreia.

Raios me partam.



TERCEIRO CAPÍTULO

Kalona

Não teve de voar muito tempo até encontrar os filhos. Kalona seguiu o elo que o ligava à sua prole. *Os meus filhos leais*, pensou ele a voar em círculos sobre os montes arborizados da terra menos povoada e de vegetação cerrada pouca distância a sudoeste de Tulsa. No cimo do cume da serra mais alta, Kalona deixou-se cair do céu, percorreu facilmente as ramagens grossas e nuas de inverno até chegar a uma pequena clareira. À sua volta, embutidas nas próprias árvores, estavam três estruturas de madeira, toscas mas de construção robusta. O olhar perspicaz de Kalona focou as janelas das estruturas onde se viram globos escarlate a brilhar na sua direção.

Ele abriu os braços. — Sim, meus filhos, regresssei! — O som das asas era um bálsamo para a sua alma. Eles irromperam das cabanas e ajoelharam-se em redor dele, em vénias baixas e respeitosas. Kalona contou-os — sete.

— Onde estão os outros?

Todos os Zomba-Corvos se mexeram, inquietos, mas apenas uma cabeça se virou para cima para o encarar e apenas uma voz sibilante lhe respondeu.

— Essscondidos a oesssste. Perdidossss na terra.

Kalona observou o filho, Nisroc, a enumerar as diferenças entre aquele Zomba-Corvos e o que fora o seu filho preferido. Nisroc era quase tão evoluído quanto Refaim. A fala era quase humana. A mente era quase inteligente. Mas fora o *quase*, essa barreira fina entre eles, que nomeara Refaim para gozar da confiança de Kalona, e não Nisroc.

Kalona retesou e descontraíu o maxilar. Fora tolo em dedicar as suas

atenções apenas a Refaim. Não lhe faltavam filhos por onde escolher e a quem favorecer. A perda fora de Refaim por ter preferido abandoná-lo. Refaim só tinha um pai, e acharia fraco substituto numa deusa ausente e numa vampyra que nunca o poderia amar verdadeiramente.

— Ainda bem que estão aqui — disse Kalona, e deixou de pensar no filho ausente. — Mas eu preferia que tivessem ficado juntos a aguardar o meu regresso.

— Não os pude reter — disse Nisroc. — Refaim morreu...

— Refaim não morreu! — exclamou Kalona, e Nisroc estremeceu e curvou a cabeça. O imortal alado calou-se e recobrou a compostura antes de prosseguir. — Embora fosse melhor para ele ter morrido.

— Meu pai?

— Ele escolheu servir a Sacerdotisa vampyra vermelha e a sua Deusa.

O grupo de Zomba-Corvos bufou e encolheu-se como se ele lhes tivesse batido.

— Possível? Como? — perguntou Nisroc.

— É possível por causa das mulheres e das suas manipulações — disse Kalona em tom sinistro. Sabia muito bem como se podia cair nas garras delas. Ele até fora rebaixado por...

O imortal pestanejou e falou, mais de si para consigo do que para o filho, pois apercebera-se de súbito:

— Mas as manipulações delas não perduram! — Kalona abanou a cabeça e quase sorriu. — Porque é que não me ocorreu mais cedo? Refaim há de cansar-se de ser animal de estimação da Rubra, e quando se cansar, há de aperceber-se do erro que cometeu – erro esse que não é só dele. A Rubra manipulou-o, envenenou-o, virou-o contra mim. Mas é temporário! Quando ela o rejeitar, porque há de acabar por rejeitá-lo, ele sairá da Casa da Noite e voltará para a minha...

Kalona interrompeu-se e decidiu rapidamente.

— Nisroc, leva dois irmãos contigo. Volta à Casa da Noite. Observa. Vigia. Espia Refaim e a Rubra. Quando surgir a oportunidade, fala com ele. Diz-lhe que, embora ele tenha cometido este erro terrível e virado costas a seu pai... — Kalona emudeceu, a retesar e a descontraír o maxilar, completamente constrangido com a tristeza e a solidão que o assolavam sempre que refletia na escolha de Refaim. O imortal alado organizou os pensamentos, dominou os sentimentos e continuou a dar instruções a Nisroc.

— Diz ao Refaim que, embora a sua escolha irrefletida tenha sido deixar-me, ainda há lugar a meu lado, *mas* que esse lugar terá mais utilidade se ele permanecer na Casa da Noite, mesmo depois de querer partir.

— Ele essspia! — exclamou Nisroc, e os outros Zomba-Corvos reproduziram o entusiasmo dele a crocitar.

— Deveras, mas de momento pode não saber que espia — disse Kalona. Depois acrescentou: — Compreendes, Nisroc? Deves vigiá-lo. Permanecer invisível de todos menos de Refaim.

— Não matar vampyrosss?

— Só se fores ameaçado – aí farás o que entenderes, sem ser apanhado nem *matar Sumo-Sacerdotisa alguma* — disse Kalona devagar e distintamente. — Nunca é sensato provocar uma deusa sem necessidade, as Sumo-Sacerdotisas de Nyx devem permanecer incólumes. — Kalona franziu o sobrolho para o filho, lembrando-se de outro dos seus que quase matara Zoey Redbird não há muito tempo – e que morrera por isso. — Compreendes as minhas ordens, Nisroc?

— Ssssim. Vou dizer. Refaim a vigiar. Refaim a essspiar.

— Vai, e volta antes que a aurora empalideça o céu. Voem alto. Voem depressa. Voem furtivos. Vão como o vento da noite.

— Ssssim, meu pai.

Kalona olhou em redor, a assentir para o mato cerrado e a apreciar o facto de os filhos terem encontrado um sítio elevado e isolado onde fazer ninho.

— Os humanos, não vêm para aqui? — perguntou.

— Ssó caçadores, e já não — respondeu Nisroc.

Kalona ergueu o sobrolho. — Mataram humanos?

— Sssim. Doissss. — Nisroc mexeu-se, agitado e excitado. — Contra a rocha atirámos. — Apontou mais para a frente e Kalona, curioso, avançou para espreitar para a encosta íngreme da serra, onde os cabos eléctricos que levavam a magia da electricidade ao mundo moderno se estendiam diante dele. Os humanos tinham limpado a área em redor dos pilares e a terra precipitava-se numa faixa larga até ao horizonte. A clareira deixara à vista maciços de arenito do Oklahoma, pontiagudos e irregulares, mortíferos a destacarem-se no céu.

— Excelente — disse Kalona, a assentir com ar aprovador. — Fizem com que parecesse um acidente. Bem pensado. — Depois voltou à clareira e aos Zomba-Corvos lá reunidos cuja atenção estava toda nele. — Bem escolhido também. Quero os meus filhos todos aqui comigo. Nisroc, vai à Casa da Noite de Tulsa fazer o que mandei. O resto voará para oeste. Chamem os vossos irmãos – chamem-nos aqui a mim. Ficaremos aqui à espera. Ficaremos aqui de guarda. Ficaremos aqui de prontidão.

— Prontidão? Para quê, meu pai? — perguntou Nisroc, com a cabeça inclinada para um lado.

Kalona pensou no seu corpo encurralado e na sua alma arrancada e mandada ao Outro Mundo. Pensou em como, depois de voltar, ela o mandara chicotear, o escravizara e tratara como se ele lhe pertencesse e estivesse às suas ordens.

— Prontidão para a destruição de Neferet — respondeu.

Refaim

Todos o olhavam desconfiados. Refaim detestava, mas compreendia. Ele fora o inimigo. Ele matara um deles. Ele fora um monstro.

A verdade era que ainda podia ser um monstro.

Começou a terceira aula e uma professora que se chamava Pentesileia lera e depois falara de um livro escrito por um antigo vampyro chamado Ray Bradbury intitulado *Fahrenheit 451*, e a importância das liberdades de pensamento e expressão. Refaim tentou dar às suas feições recentemente humanas uma expressão atenta e interessada, mas estava sempre a distrair-se. Queria ouvir a professora e não ter mais com que se preocupar além daquilo a que ela chamara “decifrar o simbolismo”, mas a metamorfose de rapaz em corvo obcecava-o.

Fora dolorosa e aterradora mas também eletrizante.

E ele não se lembrava de quase nada do que lhe acontecera depois disso.

A imagem e a sensação eram o que restava com ele do dia e da sua transformação em corvo.

Stevie Rae subira com ele, desde os túneis fundos na terra, à árvore mais próxima do depósito – aquela que, não há muito tempo, lhes servira de fuga do Sol abrasador.

— Volta lá para dentro. Vem aí a aurora — dissera ele, e tocara-lhe na face com leveza.

— Não quero deixar-te — dissera ela, e abraçara-o e apertara-o com força.

Ele só se permitira retribuir o abraço por momentos, depois soltara-a devagar e virara-a com firmeza para a entrada gradeada e sombria que dava para a cave.

— Vai para baixo. Estás esgotada. Tens de dormir.

— Vou ficar a ver até tu seres, hum, sabes. *Um pássaro*.

Ela sussurrara a palavra como se, não a dizendo em voz alta, mudasse a realidade. Seria uma tolice, mas ele não pôde deixar de sorrir.

— Não importa que digas ou não. Vai acontecer.

Ela suspirara. — Eu sei. Mas mesmo assim não quero deixar-te. — Stevie Rae estendera a mão, na manhã que se avizinhava, e pegara na dele. — Quero que saibas que podes contar comigo.

— Não creio que um pássaro perceba muito do mundo dos humanos — dissera ele, pois não sabia o que mais dizer.

— Tu não vais ser apenas um pássaro. Vais transformar-te num corvo. E eu não sou humana. Sou vampyra. Vermelha. Mais, se eu não ficar aqui, como é que vais saber para o que deves voltar?

Ele ouvira-lhe o choro na voz e ficara comovido.

Refaim beijou-lhe a mão. — Saberei. Dou-te a minha palavra. Encontrarei sempre o caminho para casa, para ti. — Estava quase a dar-lhe um empurrãozinho até à entrada para a cave quando sentira uma dor avassaladora a percorrê-lo pelo corpo inteiro.

Em retrospectiva, Refaim apercebeu-se de que seria de esperar. Como é que podia não ser doloroso metamorfosear-se de rapaz em corvo?

Mas o seu mundo estivera cheio de Stevie Rae e da alegria simples mas plena de a abraçar, de a beijar, de a ter junto a si...

Não passara tempo algum a pensar na besta.

Pelo menos, da próxima vez estaria preparado.

A dor abalara-o. Ouvira o grito de Stevie Rae ecoar o seu. O seu último pensamento humano fora a preocupação com ela. A sua última visão humana fora ela a chorar e a abanar a cabeça. Ela estendera as mãos para ele quando o animal se sobrepusera à forma humana. Ele recordava-se de abrir as asas como que a espreguiçar-se depois de estar encarcerado numa cela minúscula. Ou numa gaiola. E de voar.

Ele recordava-se de voar.

Ao pôr-do-sol dera consigo frio e nu por baixo da mesma árvore ao lado do depósito. Acabara de vestir a roupa que encontrara bem dobrada em cima de um banquinho quando Stevie Rae irrompera da cave.

Sem hesitação alguma, ela lançara-se-lhe nos braços.

— Estás bem? Mesmo? Estás mesmo bem? — repetia ela enquanto o observava e tocava como se procurasse ossos partidos.

— Estou bem — garantiu ele. Foi quando se apercebeu de que ela estava a chorar. Refaim pusera as duas mãos nas faces dela e perguntara:

— O que foi? Porque choras?

— Doeu tanto. Gritaste como se te estivessem a matar.

— Não — mentira ele. — Não foi assim tão mau. Foi apenas surpreendente.

— A sério?

Ele sorria – *como adorava sorrir* – e puxara-a para si, beijara-lhe os caracolinhos louros e acalmara-a. — A sério.

— Refaim?

Refaim foi arrancado ao devaneio quando a professora o chamou.

— Sim? — reagiu ele também em tom interrogativo.

Ela não lhe sorriu, mas também não rallhou nem foi sarcástica. Disse simplesmente:

— Perguntei o que te parece que significa a frase da página sete. Aquela onde Montag diz que o rosto de Clarisse tem uma luz que é como “um cristal frágil e leitoso” e “a luz da vela estranhamente reconfortante e rara e suavemente favorecedora”. O que pensas que Bradbury está a tentar veicular sobre Clarisse com estas descrições?

Refaim ficou absolutamente siderado. A professora estava a fazer-lhe uma pergunta. *Como se ele fosse outro iniciado perdido em devaneios – normal – idêntico – aceite*. Refaim estava nervoso e sentia-se completamente exposto quando abriu a boca e disse a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— Creio que ele está a tentar dizer que a rapariga é única. Ele reconhece o quanto ela é especial, e valoriza-a.

A Professora Pentesileia ergueu o sobrolho e, por uma fração de segundo pavorosa, Refaim pensou que ela o iria cobrir de ridículo.

— Resposta interessante, Refaim. Talvez se te concentrasses mais no livro e menos noutras coisas, as tuas respostas passassem de interessantes a incríveis — observou ela num tom seco e prático.

— O-obrigado — gaguejou Refaim, e sentiu a cara a arder.

Pentesileia assentiu ligeiramente ao que ele dissera antes de se virar para um aluno sentado mais à frente na sala e perguntar:

— E a pergunta final que ela lhe faz nesta cena: “És feliz?” Que significado pode ter?

— *Bem dito* — sussurrou Damien da carteira ao lado da de Refaim.

Refaim não conseguia falar. Limitou-se a assentir e a tentar compreender a súbita leveza de espírito que estava a sentir.

— *Sabes o que lhe acontece? À rapariga especial?* — O sussurro chegou-lhe do iniciado sentado mesmo à frente de Refaim. Era um rapaz baixo e musculado com um perfil forte. Refaim viu facilmente o desdém na cara dele quando o mirou por cima do ombro.

Refaim abanou a cabeça. Não, não sabia.

— *Matam-na por causa dele*.

Refaim sentiu que lhe tinham dado um pontapé na barriga.

— Drew, tens algum comentário sobre a Clarisse? — perguntou a professora, outra vez de sobrolho erguido.

Drew virou-se descontraidamente para a frente e encolheu um ombro.

— Não, senhora. Estava só a dar ao passarão uma perspetiva de futuro. — Drew calou-se e tornou a olhar para trás. Depois acrescentou: — O futuro do livro, entenda-se.

— Refaim. — A professora disse o nome dele numa voz endurecida. Refaim ficou admirado ao sentir o poder dela na sua pele. — Na minha sala de aula, todos os iniciados são iguais. São todos tratados pelos seus nomes. Ele chama-se Refaim.

— Professora P, ele não é iniciado nenhum — disse Drew.

A mão da professora abateu-se sobre o cimo do pódio e a sala inteira vibrou com o som e a energia.

— Ele está *aqui*. Desde que esteja aqui, na minha sala de aula, será tratado como qualquer outro iniciado.

— Sim, senhora — disse Drew, e curvou a cabeça respeitosamente.

— Ótimo. Agora que esclarecemos isso, vamos falar do projeto criativo que vocês vão fazer. Quero que deem vida à vossa escolha de um dos muitos elementos simbólicos que Bradbury emprega neste livro assombroso...

Refaim ficou muito quieto enquanto a turma deixava de lhe dar atenção e Drew se virava para o livro também. *Matam-na por causa dele* não lhe saía da cabeça. O significado de Drew era muito claro. Ele não estava a referir-se à personagem do livro. Ele referira-se a Stevie Rae – que a iam matar por causa dele, Refaim.

Jamais. Enquanto lhe restasse um sopro de vida, não deixaria que nada nem ninguém fizesse mal à sua Stevie Rae.

Quando se ouviu o toque a assinalar o fim da aula, Drew encarou Refaim com uma expressão de ódio inabalável.

Refaim teve de se controlar para não o atacar. *Inimigo!*, gritava a sua antiga natureza. *Destrói!* Mas Refaim cerrou os dentes e sustentou o olhar de Drew sem vacilar, e o iniciado passou por ele com um safanão.

Não eram só os olhos de Drew que o contemplavam com ódio. Todos o miravam com expressões que iam da hostilidade ao horror e ao pavor.

— Ouve — chamou Damien, a sair da sala com ele. — Não liguês ao Drew. Ele dantes gostava da Stevie Rae. Está com ciúmes.

Refaim assentiu e esperou que chegassem à rua e ficassem longe dos ouvidos do resto dos alunos. Depois disse baixinho:

— Não é somente o Drew. São todos. Odeiam-me.

Damien fez-lhe sinal que o acompanhasse mais um pouco, depois parou e disse:

— Tu sabias que não ia ser fácil.

— É verdade. Eu só... — Refaim calou-se e abanou a cabeça. — Não. É simplesmente verdade. Eu sabia que seria difícil os outros aceitarem-me. — Refaim encarou Damien. O iniciado estava macilento. O desgosto envelhecera-o. Os olhos estavam vermelhos e inchados. Perdera o amor da sua vida, e ali estava, a mostrar-se bondoso para com Refaim.

— Obrigado, Damien — disse Refaim.

Damien quase sorriu. — Por te dizer que isto não vai ser fácil?

— Não, por me mostrares bondade.

— A Stevie Rae é minha amiga. A bondade que mostro é por ela.

— Então és um amigo notável — declarou Refaim.

— Se tu fores mesmo o rapaz que a Stevie Rae entende que és, verás que, quando estamos do lado da Deusa, fazemos muitos amigos notáveis.

— Eu estou do lado da Deusa — afirmou Refaim.

— Refaim, se eu não acreditasse, não te ajudava, por mais que goste da Stevie Rae — explicou Damien.

Refaim assentiu. — É justo.

— Olá, Damien! — Um dos iniciados vermelhos, um rapaz invulgarmente pequeno, correu para eles, olhou para Refaim e depois acrescentou rapidamente: — Olá, Refaim!

— Olá, Ant — disse Damien.

Refaim assentiu, ainda constrangido com tantos cumprimentos.

— Ouvi dizer que tens Esgrima agora. Eu também!

— Pois tenho — confirmou Damien. — Eu e o Refaim íamos mesmo... — Damien calou-se e Refaim viu várias emoções passarem-lhe pelo semblante, até ficar embaraçado. Damien suspirou pesadamente antes de dizer:

— Hum, Refaim, o Dragão Lankford é o professor de Esgrima.

E Refaim compreendeu.

— Isso não é... Hum, nada bom — observou Ant.

— Pode ser que ele ainda esteja na Reunião do Conselho — disse Damien em tom esperançoso.

— Creio ser melhor ficar aqui, quer o Dragão lá esteja, quer não. Se for convosco, só causarei... — Refaim emudeceu porque só lhe ocorriam palavras como, por exemplo, caos, conflito, catástrofe.

— Constrangimentos. — Damien preencheu o silêncio por ele. —

Provavelmente causarás constrangimentos. Talvez possas faltar a Esgrima por hoje.

— Parece-me avisado — disse Ant.

— Eu espero por ti. — Refaim fez sinal vagamente para a zona arborizada à volta deles. Não estavam longe do muro da escola onde, mesmo do lado de dentro da fachada de pedra, ficava um carvalho particularmente grande e debaixo dele um banco de ferro forjado. — Vou ficar aqui sentado.

— Está bem, passo por cá para te vir buscar depois da aula. A seguir temos Espanhol. A Professora Garmy é simpática, vais gostar dela — disse Damien, e ele e Ant começaram a dirigir-se à casa de campo.

Refaim assentiu, acenou e obrigou-se a sorrir porque Damien estava sempre a olhar para trás com ar preocupado. Quando deixou finalmente de ver os dois iniciados, Refaim foi sentar-se pesadamente no banco.

Agradava-lhe aquele tempo sozinho, quando podia baixar a guarda – podia descair os ombros e não se ralar que houvesse gente a olhar para ele. Sentia-se tão deslocado! Em que estava a pensar quando dissera que queria ser normal, ir à escola como toda a gente? Ele não era como toda a gente.

Mas ela ama-me. A mim. Tal como eu sou, recordou Refaim de si para consigo, e sentiu-se melhor só por pensar nisso – um pouco mais leve de espírito.

Depois, como estava sozinho, disse-o em voz alta:

— Eu sou Refaim, e Stevie Rae ama-me tal como eu sou.

— Refaim! Não!

A voz sussurrante e semi-humana chegou-lhe dos ramos da árvore. Com uma sensação de apreensão terrível, Refaim olhou para cima e deparou com três Zomba-Corvos, três dos seus irmãos, empoleirados e a olharem para ele com semblantes chocados e incrédulos.



QUARTO CAPÍTULO

Zoey

Pronto, eu sei que sou adolescente e tudo, mas sou uma aselha no Skype. Aliás, sou praticamente uma naba em tecnologia, no geral. Invocar um círculo – pois. Comungar com qualquer um dos cinco elementos – na boa. Arranjar maneira de sincronizar o iPhone com um computador novo – hum, provavelmente não. Só de pensar em entrar no Twitter dava-me dor de cabeça e muitas saudades do Jack.

— Olha, não custa nada. Basta clicar nisto. — Kramisha estendeu a mão por cima do meu ombro e agarrou no rato mágico. — Depois nisto, e já está. Estamos todos no Skype e a câmara já está a trabalhar.

Levantei a cabeça e vi Stevie Rae e os outros todos, incluindo o Dragão, Lenóbia e Erik pasmados a olhar para mim.

Stevie Rae, pelo menos, sorriu e mimou as palavras *Foi canja*.

— Que propósito tem ao certo... — começou o Dragão, mas a entrada de Neferet na Sala do Conselho calou-o. Felizmente, nesse momento ouviu-se também a voz imponente da Líder do Alto Conselho dos Vampyros, límpida e forte no computador do Damien.

— Feliz encontro, Zoey Redbird — disse Duantia. — Apraz-me falar contigo outra vez.

Levei a mão fechada ao coração e fiz uma vénia respeitosa.

— Feliz encontro, Duantia. Obrigada por encaixar esta chamada na sua agenda.

— Feliz encontro, Duantia — disse Neferet também; chegou-se a mim e fez uma vénia formal. Vi-a dardejar os olhos para o Dragão numa expressão interrogativa, antes de sorrir melíflua e continuar. — As minhas desculpas. Não sabia desta chamada. Estava apenas à espera de uma

simples Reunião do Conselho da escola. — Depois fulminou-me com aqueles olhos cor de esmeralda. — És tu a responsável disto, Zoey?

— Sou, pois. Já lhe teria dito, mas a Neferet não tinha chegado — respondi, a sorrir e num tom animadíssimo. Antes que Neferet pudesse retrucar, virei-me para Duantia. — Queria tratar de que o Alto Conselho soubesse de todos os pormenores da espantosa aparição de Nyx aqui na escola ontem — calei-me, apontei com a cabeça para Neferet como se a quisesse incluir — e sei que Neferet estaria ansiosa por lhe contar também, Duantia.

— Na verdade, sabemos muito pouco, e é uma das razões para aguardar ansiosamente a tua chamada. — Duantia olhou para mim e para Neferet. — Tentei contactar-te durante o dia, depois de dar instruções ao Dragão para deixar os iniciados vermelhos e o grupo da Zoey retomarem as aulas hoje, mas não consegui, Sumo-Sacerdotisa.

Senti Neferet eriçar-se toda, mas ela só disse:

— Estive retirada em oração.

— Ainda mais razões para esta chamada — afirmou Duantia.

— O que Nyx fez foi um milagre. — Acenei para que Stevie Rae entrasse no campo de visão da câmara. — Esta é a Stevie Rae, a primeira Sumo-Sacerdotisa Vermelha.

Stevie Rae levou a mão fechada ao coração e fez uma vénia pronunciada.

— Tenho muito gosto em conhecer a senhora.

— Feliz encontro, Stevie Rae. Já ouvi falar muito em ti e nos iniciados vermelhos. Claro que já conheci o Guerreiro Vermelho, Stark. Nyx é de facto generosa nos seus milagres.

— Hum, obrigada, mas, bem, o milagre não é nós sermos vermelhos e tal. — Stevie Rae olhou para mim e acrescentou: — Bom, pelo menos não é o milagre de que fala a Zoey. — Stevie Rae pigarreou e prosseguiu: — O milagre de Nyx tem a ver com o meu Consorte, Refaim.

Duantia arregalou os olhos.

— Não é assim que se chama uma das criaturas apelidadas de Zomba-Corvos?

— É. — A voz do Dragão era dura como a expressão dele. — É como se chama a criatura que matou a minha Anastasia.

— Não compreendo — disse Duantia. — Como é que se pode chamar Consorte a essa abominação?

Rapidamente, antes que Neferet pudesse dizer alguma barbaridade, comecei a tagarelar:

— Refaim era Zomba-Corvos, e o Dragão tem razão, nessa altura ele

matou a Anastasia. — Olhei para o Dragão, mas custava muito fitá-lo. — Refaim pediu perdão a Nyx por isso.

— E por tudo o que fez de mal quando era filho de Kalona — atalhou Stevie Rae.

— A indulgência é... — começou Neferet, mas interrompi-a logo.

— A indulgência é uma dádiva que a nossa Deusa concede, e foi exatamente o que ela fez ontem à noite — disse. Depois olhei para Stevie Rae. — Conta à Líder do Alto Conselho o que fizeste.

Stevie Rae assentiu e engoliu em seco, mas falou.

— Há umas semanas encontrei Refaim quase morto. Tinha levado um tiro e caído do céu. Não o denunciei. — Stevie Rae tirou os olhos do computador e de Duantia, olhou para o Dragão e disse num tom implorativo: — Eu não queria melindrar ninguém nem fazer nada de mal.

— Aquela *abominação* matou a minha parceira — bradou o Dragão. — Na noite em que foi alvejado em voo e deveria ter morrido.

— Professor Lankford, deixe a Sumo-Sacerdotisa Vermelha continuar a confissão — disse Duantia.

Vi o Dragão retesar o maxilar e fazer um esgar, mas as palavras de Stevie Rae atraíram-me a atenção outra vez.

— O Dragão tem razão. O Refaim teria morrido naquela noite se eu não o tivesse salvado. Não contei a ninguém sobre ele. Bom, contei à minha mãe, mas já foi depois. Seja como for, tomei conta dele. Salvei-lhe a vida. E depois ele salvou a minha — duas vezes. Uma do touro branco da Escuridão.

— Ele enfrentou a Escuridão por ti? — Duantia parecia chocada.

— Enfrentou.

— Aliás, ele renunciou à Escuridão por ela. — Retomei a história. — E ontem à noite ele pediu perdão a Nyx e prestou-lhe juramento.

— E depois a Deusa fez dele um rapaz! — exclamou Stevie Rae, com tal entusiasmo que até Duantia curvou os lábios num sorriso.

— Apenas do anoitecer ao amanhecer — acrescentou Neferet, numa voz de balde de água fria. — Durante o dia está condenado a ser um animal, um corvo, sem memória da sua humanidade.

— Foi a consequência das más ações do passado dele — explicou Stevie Rae.

— E agora, durante o tempo que é rapaz, Refaim quer vir à escola como qualquer outro iniciado — disse eu.

— Extraordinário — observou Duantia.

— A criatura não tem lugar nesta escola — disse o Dragão.

— A *criatura* não está nesta escola — disse eu. — O *rapaz* está. O

mesmo rapaz a quem Nyx perdoou. O mesmo rapaz que Stevie Rae escolheu para Consorte. O mesmo rapaz que tentou prestar juramento a si, Dragão.

— O Dragão recusou-o? — perguntou Duantia.

— Recusei — respondeu ele, muito hirto.

— E por isso é que os expulsei a todos — disse Neferet em voz calma, razoável, *adulta*. — O meu Mestre de Esgrima não pode tolerar a presença dele, e com toda a razão. Quando o grupo da Zoey decidiu prestar lealdade a Stevie Rae e ao Zomba-Corvos, não tive alternativa senão mandá-los embora a todos.

— Ele já não é Zomba-Corvos. — Stevie Rae parecia muitíssimo zangada.

— Contudo ainda é o ser que matou a minha parceira. — A voz do Dragão era como um chicote.

— Alto! — A ordem de Duantia irrompeu do computador. Mesmo a milhares de quilómetros de distância e através do Skype, o poder da voz era uma presença tangível na sala. — Neferet, deixa-me ter a certeza de que estou inteirada dos acontecimentos desta noite. A nossa Deusa, Nyx, apareceu na vossa Casa da Noite e perdoou ao Zomba-Corvos, Refaim, e depois concedeu-lhe forma humana de rapaz durante a noite e, para castigo, condenou-o à forma bestial de corvo durante o dia?

— Sim — respondeu Neferet.

Duantia abanou a cabeça devagar. — Neferet, há uma parte de mim, embora uma parte muito jovem, diga-se, que compreende a tua reação a acontecimentos tão invulgares, embora estejas equivocada. Dito muito simplesmente, não podes expulsar um grupo de iniciados que nada mais fez além de apoiar os amigos. Muito menos *este* grupo de iniciados — afirmou Duantia. — *Este* grupo a quem a Deusa concedeu tanto não pode ser ostracizado.

— Isso leva-nos ao outro assunto que eu tenho de falar consigo — disse eu. — Dadas as diferenças entre iniciados vermelhos e iniciados normais, foi melhor que tivessem sido expulsos. — Franzí o sobrolho. — Espere, isto não me saiu lá muito bem.

— Ela quer dizer que só conseguimos descansar se estivermos debaixo da terra — explicou Stevie Rae por mim. — E aqui não há muito disso.

— Portanto, durante o dia eles querem ficar nos túneis debaixo do depósito de Tulsa, e de noite, durante a semana, gostariam de vir às aulas no transporte da escola. Não há muitos iniciados vermelhos no grupo da Stevie Rae e, tirando eu, não saíram iniciados azuis da escola; parece-me

que, entre mim, uma Sumo-Sacerdotisa Vermelha e dois Guerreiros passados pela Mudança, devemos conseguir orientar-nos lá muito bem. — Arvorei um sorriso gigantesco e olhei para Neferet. — E eu sei que a Neferet é uma Sumo-Sacerdotisa espantosa que vai conseguir lidar com estas mudanças todas.

Fez-se um longo silêncio em que eu e Neferet nos entreolhámos. Finalmente, Duantia falou:

— Neferet, o que tens a dizer?

Vi-lhe uma expressão presunçosa antes de Neferet se virar para a câmara.

— Depois de ouvir a tua sabedoria, Duantia, compreendo que tomei uma decisão precipitada ontem à noite. Sendo alguém renascida para Nyx, só posso esforçar-me por secundar a benevolência da Deusa. Ela tem claramente planos especiais para a Zoey e o seu grupo. Talvez seja melhor um local de repouso separado do nosso. Claro que eles têm de cumprir as regras desta Casa da Noite, e reconhecer-me como sua Sumo-Sacerdotisa de pleno direito.

— Hum, não necessariamente — disse eu, sem ligar ao olhar penetrante de Neferet e a concentrar-me em Duantia. — O tempo que eu passei na Ilha de Skye com a Rainha Sgiach significou muito para mim. Eu e ela ficámos muito chegadas. Sgiach até disse que gostaria de ser minha orientadora, que queria começar a abrir Skye ao mundo moderno. Neste momento não posso estar em Skye com ela, mas gostaria de aprender com ela. — Respirei fundo e terminei de rajada. — Portanto, quero declarar oficialmente o depósito de Tulsa fora da jurisdição da Casa da Noite, como Sgiach declarou Skye. — Olhei diretamente para Neferet. — E tal como Sgiach, não me meto nas suas coisas se a Neferet não se meter nas minhas.

— Atreves-te a proclamar-te rainha? — Neferet parecia aturdida.

— Não foi isso que eu disse, mas Sgiach proclamou-se e o Guardião dela também. Além disso, o Stark foi aceite como Guardião. No Outro Mundo ele tinha a espada e tudo. É o meu Guerreiro, pelo que, por omissão, significa que me estou a proclamar rainha. Mas pequenina — acrescentei.

— Isto não me parece nada bem — disse Neferet.

— Concordo com a Neferet — disse o Dragão.

Olhei para ele, a tentar telegrafar a mensagem: *A sério? Está mesmo a dizer que concorda com a Neferet mesmo depois de saber o que sabe dela?* Mas o Dragão olhava através de mim como se não me visse.

— Tenho de consultar o Alto Conselho a esse respeito, Zoey Red-

bird. Não apoiamos a ideia de rainhas vampyras. Os vampyros são Sacerdotisas e Guerreiros e Professores, e os diversos percursos de vida decorrentes dessas vocações. Há muito que é essa a tradição.

— Mas Sgiach é rainha — insisti. — Há séculos que o é. Tem de ser tempo suficiente para também ser tradição.

— Tradição vampyrica, não! — Duantia falava mais alto e até fiquei com os pelinhos dos braços todos no ar. A Líder do Alto Conselho respirou fundo, obviamente a recompor-se, antes de continuar numa voz mais calma. — Sgiach quase nem é considerada vampyra. Há muitos séculos que mantém a sua existência separada da nossa. Temos com ela umas tréguas instáveis por omissão. Não podemos entrar na sua ilha. Ela não quer de lá sair. — Duantia calou-se e ergueu uma sobrancelha. — Isso mudou, Zoey? Sgiach tenciona sair de Skye?

— Não — respondi. — Mas disse-me que anda a pensar em receber alunos outra vez.

— Permitir idas e vindas de forasteiros em Skye seria algo extraordinário. — Duantia falou num tom que não me levou nada a crer que “extraordinário” fosse sinónimo de “coisa boa”.

— Creio que criar abertura a forasteiros é algo que todos temos de fazer nestes tempos de mudança — disse Neferet.

Toda a gente ficou a olhar para ela. Até Duantia ficou sem fala.

— Porque tenho essa convicção, decidi abrir as portas da minha Casa da Noite, na forma de trabalhos menores, aos humanos locais. Parece-me sensato e responsável, especialmente nestes tempos económicos difíceis. Espero que Sgiach também assim o entenda.

— Excelente ideia, Neferet — disse Duantia. — Como bem sabes, os humanos têm sido uma presença constante na Ilha de São Clemente nos últimos séculos. — A Sumo-Sacerdotisa Vampyra sorriu. — Desde que ficámos civilizados e modernos.

— Como a Casa da Noite de Tulsa também gostaria de ficar — disse Neferet.

— Muito bem. Está decidido. A Casa da Noite de Tulsa vai dar emprego a humanos locais. Refaím, os iniciados vermelhos e o grupo de alunos da Zoey frequentam as aulas na Casa da Noite de Tulsa e descansam nos túneis debaixo do depósito durante o dia. Vou tomar nota para não me esquecer de inquirir junto da edilidade de Tulsa quanto à aquisição do depósito.

— E o estatuto da Zoey enquanto rainha e a obediência do depósito a mim e a esta Casa da Noite? — perguntou Neferet.

Até sustive a respiração.

— Como já decretei, vou consultar o Alto Conselho completo acerca disso, uma questão seríssima de uma jovem e dotada iniciada ser considerada rainha, mesmo que seja apenas rainha formanda. Até se poder chegar a uma decisão, Zoey Redbird e o Depósito de Tulsa são extensão da Casa da Noite de Tulsa.

— E assim continuo a ser Sumo-Sacerdotisa deles — disse Neferet. Stevie Rae pigarreou. Todos nos virámos para ela.

— Hum, não é para ser antipática nem nada, mas se vão chamar rainha à Z, e se temos de ter uma Sumo-Sacerdotisa, eu sou a seguir. Os meus iniciados vermelhos precisam de alguém que seja como eles e que os compreenda. Sou eu. Portanto, chamem-nos sucursal da Casa da Noite se quiserem, mas se tem de haver uma Sumo-Sacerdotisa a presidir, serei eu.

— Questão muito válida, jovem Sacerdotisa — disse Duantia sem hesitar, o que me deixou a pensar se ela já estaria à espera que Stevie Rae objetasse. — Stevie Rae, até resolvermos a questão da posição da Zoey Redbird, tu és a Sumo-Sacerdotisa interina na extensão do depósito da Casa da Noite de Tulsa.

— Obrigada, minha senhora — disse Stevie Rae. — E eu não queria faltar ao respeito.

As feições cinzeladas de Duantia suavizaram-se e ela sorriu.

— Não faltaste ao respeito coisa alguma. Falaste como uma Sumo-Sacerdotisa deve falar. Ora muito bem, se terminámos a ordem de trabalhos, vou despedir-me para informar os Membros do Conselho destes acontecimentos e decisões.

— Eu terminei — disse eu.

— Eu também terminei — disse Stevie Rae.

— Creio que o que já conseguimos aqui basta por hoje — disse Neferet.

— Excelente. Despeço-me e faço votos de que benditos sejam.

O computador fez o ruído estranho de fim de utilização do Skype e o ecrã ficou em branco.

— Bem, foi deveras interessante — disse Lenóbia.

Apercebi-me, depois de ela falar, que Lenóbia nada dissera durante a videoconferência toda. Fiquei a pensar nisso. Quer dizer, ela ficou claramente do meu lado contra a Neferet antes, mas o Dragão também tinha ficado.

— Sim, interessante é uma das descrições possíveis — disse Neferet.

— Parabéns, Sumo-Sacerdotisa — disse eu a Stevie Rae.

— Pois, parabéns — disse Erik.

— Tu já eras a nossa Sumo-Sacerdotisa, mas foi simpático que tenham oficializado — disse Kramisha.

— Não o quero nas minhas aulas. — O Dragão falou abruptamente, cortando completamente o ambiente de felicitações.

Eu ia abrir a boca para defender o direito de o Refaim ir à aula de Esgrima e isso tudo, embora sentisse a bizzarria de estar a defender Refaim, mas a reação de Stevie Rae espantou-me e deixou-me muda.

— Creio que tem razão. Eu sei que é difícil para o Dragão. E se eu pedir ao Dário e ao Stark que deem mais aulas sobre facas e sei lá que mais? O Refaim pode ir a essas aulas.

— Isso é realmente boa ideia — disse Lenóbia. — Como todos os iniciados devem ter instrução em autodefesa, com a adição inesperada dos iniciados vermelhos, as tuas turmas ficariam sobrelotadas, Dragão.

— Pois, nós devíamos ter morrido. Ter desmorrido só pode bulir com a lotação das turmas — disse Kramisha.

Neferet suspirou pesadamente e depois disse:

— Todos os iniciados devem ter aulas de autodefesa por causa do ataque dos Zomba-Corvos. Serei a única a ver a terrível ironia do que estás a dizer?

— Eu vejo – mais do que vejo — disse o Dragão.

— E eu vejo que você continua a mexer na trampa — disse Stevie Rae. Virara-se e estava a defrontar Neferet. Não pestanejava. Não recuava. A minha Melhor Amiga parecia forte e rija e muito mais velha do que a sua idade.

Stevie Rae parecia uma Sumo-Sacerdotisa.

Uma Sumo-Sacerdotisa que estava a granjear inimigos perigosos.

— A Duintia decidiu que o Refaim e todos nós podemos ficar — disse eu, e levantei-me, colocando-me entre Stevie Rae e Neferet. — Creio que o que precisamos é de arranjar maneira de o fazer sem causar montes de stresse e problemas. — Olhei para o Dragão, a tentar encontrar naqueles olhos cheios de raiva o Mestre de Esgrima sábio e bom que eu conhecia. — Já todos tivemos disso que nos chegue para muito tempo, não tivemos?

— Estarei na casa de campo com os iniciados normais — disse o Dragão, e atravessou a sala.

— Stevie Rae, podes dizer ao Stark e ao Dário que podem dar aulas nos estábulos — disse Lenóbia.

— Fico contente por saber que estás tão recetiva, Professora Lenóbia — disse Neferet. — O primeiro humano por mim contratado será um

moço de estrebaria para te ajudar com aqueles... — Neferet calou-se e olhou para Stevie Rae, Kramisha e para mim — ... *destritos* nos estábulos.

— Estrume. — A resposta de Lenóbia não se fez tardar. — Não tenho destritos nos estábulos, tenho estrume. E não preciso de ajuda nenhuma.

— Ah, mas vais aceitar ajuda porque é a coisa acertada e porque o Alto Conselho acabou de apoiar a ideia, não vais?

— Farei o que me parecer correto.

— Então farás o que eu espero. — Neferet virou costas a Lenóbia. — Zoey e Stevie Rae, os iniciados vermelhos devem retomar o horário em que se encontravam antes de morrerem — disse ela num tom casual.

— E vocês as duas também. Quer estejam anormalmente Mudadas — Neferet estalou os dedos na direção de Stevie Rae — quer sejam apenas iniciadas anómalas — Neferet olhou para mim e para Kramisha — pouco importa. Têm de ir às aulas. São todas demasiado novas para serem verdadeiramente interessantes sem terem instrução. A segunda aula já deve ter começado. Vão para as vossas salas. Declaro terminada a Reunião do Conselho.

Sem sequer dizer “benditos sejam”, Neferet esgueirou-se da sala.

— Ela é mesmo um problema ambulante — observou Kramisha.

— Maluca à quinta potência — observou Stevie Rae.

— Mas a Neferet é uma entidade conhecida. Quando lidamos com ela, compreendemos que estamos a lidar com uma Sumo-Sacerdotisa que passou para o lado negro e que ensandeceu completamente — disse Lenóbia devagar. — Estou mais preocupada com o Dragão.

— Então a Lenóbia está do nosso lado? — perguntei à Mestre de Equitação.

Os olhos cinzentos de Lenóbia fitaram os meus.

— Já te contei que outrora combati o mal. Tenho as cicatrizes desse encontro, física e emocionalmente, e nunca mais permitirei que o mal e a Escuridão me estraguem a vida outra vez. Estou do vosso lado — Lenóbia acenou com a cabeça para Stevie Rae e depois para Kramisha — e contigo e contigo porque estão do lado da Deusa. — Depois virou-se para Erik, o qual já estava de pé, mas que não fizera menção de sair da sala. — E tu onde estás no meio disto tudo?

— Eu sou o Caça-Cabeças da Casa da Noite de Tulsa.

— Já sabemos, mas de que lado é que isso te põe? — perguntou Stevie Rae.

— Estou do lado que Marca miúdos e lhes muda o destino — foi a resposta evasiva de Erik.

— Erik, um dia vais ter de tomar posição — disse eu.

— Ouve, lá porque eu não estou a defrontar a Neferet, não quer dizer que não tenha tomado posição.

— Não, quer dizer apenas que a posição é fraca — disse Stevie Rae.

— Não interessa! Tu não sabes tudo, Stevie Rae. — Erik saiu da sala de supetão.

Kramisha fungou. — Mas que desperdício de boniteza.

Fiquei triste, mas não pude discordar dela.

— Vou começar a marcar espaço no picadeiro para as aulas dos Guerreiros — disse Lenóbia. — Reúnam os dois Guerreiros e digam-lhes que vão ser professores ou, pelo menos, professores temporários.

— Não deve ser difícil dar com eles — disse eu. — O Stark e o Dário devem estar na casa de campo a brincarem com as espadas.

— Eu vou contigo — disse Stevie Rae.

— Eu acho que vou à segunda aula — disse Kramisha, e suspirou pesadamente.

Quando eu e Stevie Rae saímos da sala, ela agarrou-me no braço e ficámos só as duas a andar ao nosso ritmo.

— Ouve, sabes que não é por ter o Alto Conselho e eles a tratam-me por Sumo-Sacerdotisa que me vou armar em tua patroa, nem nada, não sabes?

Pestanejei, admirada.

— Claro que sei. E seja como for, tu és uma ótima Sumo-Sacerdotisa, não vais armar-te em patroa de ninguém.

Ela não se riu, como eu achava que sim. Começou a mexer nos caracolinhos, sinal de que estava a stressar.

— Pois, isso é simpático e tudo, mas só sou Sumo-Sacerdotisa há, quê, dois segundos. Tenho de ter a certeza de que me ajudas.

Meti o braço no dela e dei-lhe com o ombro.

— Podes ter sempre a certeza comigo. Sabes bem disso.

— Mesmo depois do Refaim?

— Mesmo depois do Loren e do Kalona e do Stark? — contrapus.

Ela começou a sorrir.

— Tens sempre de ficar à frente, não tens?

— Infelizmente, estou mesmo muito à frente — disse eu, e aqui ela riu-se mesmo, mas eu só suspirei.

Saímos da parte da Casa da Noite onde ficava a torre do centro multimédia e virámos à esquerda no passeio que rodeava a casa de campo e os estábulos. Estava uma noite fresca, mas límpida e clara. O céu apresentava-se cheio de estrelas, fáceis de ver pelas ramagens de inverno dos carvalhos grandes que havia um pouco por todo o recinto.

— Então, ele é giro, não é?

Fingi-me de parva.

— Quem? O Stark? Ah pois é.

Foi a vez de ela me dar com o ombro.

— Estou a falar do Refaim.

— Ah, *dele*. É, acho que não está mal. — Hesitei, e quase não perguntei, mas depois decidi avançar. Quer dizer, éramos as Melhores Amigas Uma da Outra. E as Melhores Amigas podem perguntar o que quisessem Uma à Outra. — Então, viste-o transformar-se em corvo?

Pude sentir a tensão do corpo dela, mas Stevie Rae respondeu quase com normalidade:

— Vi, pois vi.

— Como é que foi?

— Horrível.

— Ele... Hum, deixou-se ficar? Ou levantou voo logo a seguir? — Não consegui evitar, era como assistir a um desastre de automóvel, que coisa mórbida.

— Levantou voo logo a seguir. Mas assim que o Sol se pôs, voltou. Diz que há de sempre encontrar o caminho para voltar para mim.

— Então há de mesmo — disse eu, e detestei ouvir a preocupação na voz dela.

— Eu amo-o, Z. Ele é mesmo bom. Juro.

Eu ia abrir a boca para dizer que acreditava quando um grito me interrompeu. Por segundos não percebi o que a voz dizia, só reagi ao perigo. Mas Stevie Rae percebeu.

— Oh, não! É o Dragão! Está a chamar os Guerreiros!

Stevie Rae largou-me o braço e começou a correr na direção da voz do Dragão. Com uma premonição terrível, lancei-me atrás dela.



QUINTO CAPÍTULO

Refaim

— **P**orque é que estão aqui? — gritou Refaim para os três Zomba-Corvos empoleirados por cima dele. Depois olhou em volta apressadamente. Se tivesse tempo, teria dado um suspiro de alívio por aquela parte do recinto estar vazia; todos os iniciados tinham ido à segunda hora de aulas. — Têm de se ir embora antes que os vejam — disse ele em voz mais baixa.

— Refaim? Como?

Embora estivessem três Zomba-Corvos na árvore, só um falava. Claro que Refaim reconheceu logo Nisroc, um dos irmãos mais humanizados.

— Escolhi o caminho de Nyx. A Deusa perdoou-me e aceitou-me, e quando o fez, transformou-me completamente em humano. — Refaim não sabia bem porque é que não acrescentou “à noite”, mas sabia que tudo o que dissesse seria transmitido ao seu pai.

— Perdão? Porquê?

Refaim olhou para o irmão, quase esmagado pela piedade. *Ele não se apercebe de que há outra maneira de viver além da do nosso pai, e não compreende que aquilo que faz em nome de Kalona é errado.*

— Nisroc, quando nós... — Refaim interrompeu-se. *Não, pensou, só posso falar por mim.* — Quando eu fazia mal, quando matava e violava e roubava o que bem me aprazia só porque podia – estava errado.

Nisroc abanou a cabeça de um lado para o outro. Os irmãos, dois saídos da horda bestial e sem nome que fazia o que o pai mandava, bufaram baixinho, perturbados; mas não eram evoluídos o bastante para abarcarem a razão.

Finalmente o irmão disse:

— Ordenssss do pai. Não é errado.

Refaim abanou a cabeça.

— Até o pai pode estar enganado. — Depois respirou fundo e acrescentou: — E até vocês podem escolher um caminho diferente.

Os dois sem nome pararam de bufar e olharam para ele, chocados. Nisroc semicerrou os olhos humanos de cor escarlate.

— Foi ela. A mulher. Como o pai disse!

— Ninguém me fez nada. Fui eu quem decidi. — Depois Refaim apercebeu-se do que estava em jogo e teve medo. — Nisroc, a Rubra, Stevie Rae, ela não me *obrigou* a fazer nada. Eu *escolhi-a* e à Deusa dela. Vocês não podem fazer mal à Rubra. Jamais. Ela pertence-me. Compreendem?

— Tua. Não podemos matar Sssumo-Sssacerdotisa — repetiu Nisroc como se falasse de cor, mas Refaim viu o brilho da maldade nos olhos coruscantes dele.

— Têm de se ir embora. Já — disse Refaim. — Não podem mostrar-se a ninguém, e não podem voltar cá.

— Primeiro, a menssagem do pai. — Nisroc deixou-se cair dos ramos grossos do meio da árvore e aterrou diante de Refaim, seguido dos outros dois Zomba-Corvos, que o ladearam. — Ao lado do pai tenss de ficar. Mas aqui. À essspreita. À essspera. A essspiar.

Refaim tornou a abanar a cabeça.

— Não. Não vou espiar para o pai.

— Sssim! O pai manda! — Nisroc abriu as asas, e os outros dois Zomba-Corvos imitaram-no logo. Muitíssimo agitado, abanou a cabeça e cerrou as mãos em punhos.

Refaim não se sentiu ameaçado. Não assimilou o perigo físico em que se encontrava. Estava habituado aos irmãos – demasiado habituado a ser um deles. Não. Era mais do que isso. Refaim estava demasiado habituado a ser líder deles para os temer.

— Não — repetiu. — O pai já não manda em mim. Eu mudei. Por fora e por dentro. Voltem para ele. Digam-lhe isso mesmo. — Refaim hesitou e depois continuou: — Digam-lhe que a minha escolha perdeu.

— Vai odiar-te — disse Nisroc.

— Eu sei. — Refaim sentiu essa mágoa calar fundo.

— Vou odiar-te — disse Nisroc.

Refaim franziu o sobrolho.

— Não és obrigado.

— Sssou.

Devagar, Refaim estendeu o braço a Nisroc para fazer o gesto tradicional de saudação e despedida entre Guerreiros.

— Não és obrigado. Podemos despedir-nos como amigos, como irmãos.

Nisroc deteve-se e inclinou a cabeça de um lado para o outro. Os olhos semicerrados descontraíram-se. A postura agressiva desfez-se. Começou a mexer-se, a falar, mas Refaim nunca saberia as verdadeiras intenções do irmão porque, nesse momento, o clamor “Filhos de Erebus! A mim!” do Dragão Lankford estilhaçou a noite e o Mestre de Esgrima carregou sobre eles.

Refaim sentiu um instante de pânico tão forte que o adormentou. Ficou paralisado no meio do caos dos irmãos, a bufarem e a rosnarem para defrontarem o ataque do Dragão. Refaim assistiu, com a certeza fatalista e terrível de que não tardariam a sair Guerreiros da casa de campo, de espadas em riste e setas assestadas. Juntar-se-iam ao Dragão e cairiam sobre os três irmãos.

— Dragão, não! — gritou ele. — Eles não vieram atacar!

Do meio da refrega, a voz do Dragão chegou até ele.

— Ou estás connosco ou contra nós! Não há meio-termo.

— Há meio-termo, sim senhor! — gritou Refaim também, de braços abertos como que em sinal de rendição. — Eu estou no meio-termo! — Refaim deu um passo para o Dragão. — Eles não vieram atacar! — repetiu. — Nisroc, irmãos, parem de lutar!

Refaim achou que Nisroc hesitara. Tinha quase a certeza de que o irmão lhe dava ouvidos, o compreendia, queria bater em retirada. Depois a voz de Neferet cortou a noite:

— Aurox! Protege! Destrói!

A criatura de Neferet explodiu na noite.

Saiu do lado do muro, de frente para Refaim. A princípio parecia ser humano. Tinha a forma de um homem, jovem e sem marcas de iniciado ou de vampyro. Porém, movia-se depressa de mais para ser humano. Atacou com uma velocidade estonteante. Agarrou no Zomba-Corvos mais próximo por detrás, pelas asas erguidas e, num único movimento pavoroso, arrancou-lhas do corpo.

Durante os séculos da sua existência, Refaim vira coisas atrozés – e cometera atos vis e tenebrosos. Todavia, aquela perspetiva nova e humana agudizava a violência daquilo a que estava a assistir. O seu grito fez eco no do irmão, quando o corpo do Zomba-Corvos tombou, e ficou no chão a contorcer-se de agonia e a jorrar sangue.

Foi quando Aurox começou a metamorfosear-se. Embora Refaim assistisse a tudo, não conseguia abarcar o que os seus olhos viam.

O corpo dele aumentou, engrossou.

Ganhou cornos.

Os punhos solidificaram.

A pele ondulou, mexeu-se, pulsou como se houvesse algo por baixo a tentar sair.

Dobrou-se e, quase com graciosidade, arrancou a cabeça do irmão de Refaim.

Até o Dragão Lankford se imobilizou a meio do ataque para ver.

Refaim obrigou a cabeça a pensar no meio do choque e do horror e gritou para Nisroc:

— Vai! Voa daqui para fora!

Com um brado desesperado, Nisroc levantou voo do solo empapado de sangue com o outro irmão.

A criatura metamorfoseada berrava e cabriolava a tentar espuriamente derrubá-los do céu. Quando aterrou, os cascos maciços a fenderem a erva de inverno, virou os olhos ardentes cor da lua para Refaim.

Refaim desejou ter asas ou uma arma; agachou-se na defensiva e preparou-se para a investida da criatura.

— Refaim! Cuidado!

Ele ouviu a voz dela e o medo agudizou-se, quente e espesso, quando Stevie Rae, logo seguida de Zoey, correu para ele.

A criatura baixou a cabeça e carregou.

Zoey

Eu ia logo atrás de Stevie Rae quando deparámos com o confronto. Credo, só me ocorre dizer que era um nojo e um horror e uma confusão pegada.

Nem me apercebi bem do que estava a acontecer. Dois Zomba-Corvos berravam e voavam para longe. Vi o corpo sem cabeça (*blargh*) de outro Zomba-Corvos a contorcer-se e a deitar sangue malcheiroso aos pés do Dragão. Refaim estava um pouco afastado, como se estivesse a assistir mas não envolvido na luta. Neferet também lá estava, vá se lá perceber, com um ar tresloucado e um sorriso esquisitíssimo.

No meio daquilo tudo estava uma criatura que era humana mas não era. Assim que a vi, senti calor no meio do peito. Pus a mão e apalpei o

círculo de mármore quente que pendia da correntinha de prata que eu tinha ao pescoço.

— A minha pedra vidente — murmurei de mim para comigo. — Outra vez? Porquê agora?

Como se fosse a resposta, o meu olhar foi atraído pela bizarra criatura. Tinha cornos e cascos, mas a carantonha era arrapazada. Os olhos coruscavam. Estivera a tentar apanhar um Zomba-Corvos em voo mas, não conseguindo, virara-se para Refaim, baixara a cabeça, e carregava.

— Refaim! Cuidado! — gritou Stevie Rae, e correu para ele. Abriu os braços e ouvi-a a pedir à terra que a ajudasse.

— Espírito! — chamei, a tentar acompanhá-la. — Fortalece a Stevie Rae! — Senti o elemento reagir quando passou por mim na direção de Stevie Rae, junto com o elemento dela, a terra. Como se atirasse uma bola grande, ela tomou balanço, e uma parede verde brilhante brotou da terra como uma cascata invertida, e tapou Refaim do ataque da criatura.

A criatura embateu na parede verde, ressaltou, e caiu de costas. Stevie Rae, forte, direita e orgulhosa, estava ao lado de Refaim. Ela pegou-lhe na mão. Depois levantou a outra e, quando a criatura tentou levantar-se, fez o gesto como se fosse bater, e disse:

— Não! Para baixo. — Uma onda de radiância verde banhou a criatura e prendeu-a no chão.

— Basta! — disse Neferet, e marchou para a criatura. — Aurox não é o inimigo aqui. Libertem-no imediatamente.

— Se for atacar o Refaim, não — disse Stevie Rae. Depois virou-se para o Dragão e perguntou:

— O Refaim estava ao lado dos Zomba-Corvos?

Sem sequer olhar para Refaim, o Dragão disse:

— Estava a falar com eles, mas não atacou com eles.

— *Eles* não atacaram! — disse Refaim. — Vieram cá para falar comigo — nada mais. Foram atacados!

O Dragão finalmente olhou para Refaim.

— Os Zomba-Corvos são nossos inimigos.

— São meus irmãos. — A voz de Refaim soava incrivelmente triste.

— Vais ter de decidir de que lado ficas — disse o Dragão solenemente.

— Já decidi.

— E isso é algo em que a Deusa parece crer também — disse Neferet. — Aurox — ela dirigiu-se à criatura que ainda estava deitada de costas, enclausurada no poder da terra, — a batalha terminou. Não há necessidade de proteger nem de atacar. — Ela virou o olhar cor de esmeralda para Stevie Rae. — Agora liberta-o.

— Obrigada, terra — disse Stevie Rae. — Podes ir agora. — Com um gesto da mão, a radiância verde evaporou-se e deixou a criatura levantar-se.

Só que já não era criatura nenhuma. Era um rapaz – um rapaz louro e lindo com olhos como pedras da lua e o rosto de um anjo.

— Quem é este? E que raio se passa com tanto sangue? — A voz de Stark, subitamente a meu lado, sobressaltou-me.

— Oh, merda para isto. É um Zomba-Corvos morto — disse Afrodite quando ela e Dário, e o que parecia ser a escola toda em peso, se juntaram a nós.

— E é um rapaz humano todo giraço — disse Kramisha, e mirou-o.

— Não é humano — disse eu, agarrada à pedra vidente.

— Então é o quê? — perguntou Stark.

— Magia antiga — respondi eu, e o quebra-cabeças compôs-se na minha cabeça.

— Desta vez tens razão, Zoey. — Neferet avançou para o lado dele e, com um floreado, anunciou: — Casa da Noite, este é Aurox – a dádiva que Nyx me concedeu a provar o seu perdão!

Aurox avançou. Os olhos estranhamente coloridos fitaram os meus. De frente para a multidão, mas só a olhar para mim, ele levou a mão fechada ao coração e fez uma vénia.

— Dádiva de Nyx coisíssima nenhuma — murmurou Stevie Rae.

Afrodite concordava com Stevie Rae, por uma vez na vida, e resfolegou.

Eu não conseguia parar de olhar. Eu só conseguia sentir o calor da pedra vidente.

— Zoey, o que se passa? — perguntou Stark baixinho.

Não respondi ao Stark. Obriguei-me a tirar os olhos de Aurox e a encarar Neferet.

— De onde veio ele realmente? — A voz saiu-me dura e forte, mas era como se o estômago se me virasse ao contrário.

Algures na minha cabeça ouvi o burburinho e os sussurros dos miúdos que me rodeavam, e soube que forçar um confronto com Neferet ali e naquele momento não seria nada inteligente. Mas não conseguia parar. Neferet mentia acerca da coisa Aurox e, por alguma razão, nada mais importava para mim.

— Já te disse de onde ele veio. Zoey, devo dizer que é exatamente por isto que tu deves voltar às aulas e concentrar-te nos estudos. Parece-me mesmo que perdeste a capacidade de escutar.

— Diz que ele é magia antiga. — Não liguei àquelas tretas passi-

vas-agressivas. — A única magia antiga que conheço é a da Ilha de Skye. — *E essa*, disse eu de mim para comigo, *foi o que eu vi ontem à noite quando olhei para o Stark através da pedra – a magia antiga dos Guerreiros Guardiães que ainda estava nele desde a Ilha de Skye*. Com a cabeça a mil, mas ainda a confrontar Neferet, prossegui:

— Está a dizer-me que ele veio da Ilha de Skye?

— Criança tola, a magia antiga não se limita à ilha. Sabes, deverias reconsiderar antes de acreditares em tudo o que ouves dizer, especialmente vindo de uma vampyra que se arroga o título de Rainha e não sai de uma ilha há séculos.

— E a Neferet ainda não respondeu à pergunta. De onde é que ele veio?

— Há magia mais antiga do que a da própria Deusa? Aurox é a minha dádiva de Nyx! — Neferet olhou sobranceira para a multidão e riu-se para zombar das minhas perguntas, como se eu não passasse de uma criança irritante e eles soubessem todos ser muito adultos como ela.

— Em que estava ele a transformar-se? — Eu não conseguia evitar, embora soubesse que soava completamente cabra e presunçosa, como se fosse uma daquelas raparigas que tem sempre algo mais a dizer – e esse algo mais é sempre negativo.

Neferet fez um sorriso magnânimo.

— Aurox estava a transformar-se no Guardião da Casa da Noite. Não pensaste que eras a única digna de ter um Guardião, pois não? — Ela abriu bem os braços. — Todos somos! Venham, saúdem-no, e depois voltemos às aulas e ao que presidiu à fundação da Casa da Noite, o ensino.

Apetecia-me gritar que ele não era Guardião nenhum! Apetecia-me gritar que estava fartinha de Neferet me distorcer as palavras. Não conseguia deixar de olhar para Aurox enquanto os iniciados (na maioria, raparigas) começavam a acercar-se dele, com cuidado de não pisar o nojo que eram os restos mortais do Zomba-Corvos.

Aliás, não sabia porquê, mas só me apetecia gritar, ponto final.

— Não vais conseguir ganhar esta — disse Afrodite. — Ela tem a multidão e o bonitinho do lado dela.

— Não é isso que ele é. — Ainda agarrada à minha pedra vidente, virei costas àquela cena ridícula e comecei a voltar à escola. Senti Stark a olhar para mim, mas continuei de olhos postos em frente.

— Z, qual é o teu problema? Pronto, ele não é apenas um tipo giro. É assim tão mau? — perguntou Afrodite.

Parei e virei-me de frente para eles. Estavam lá todos, atrás de mim

como patinhos atrás da mãe pata: Stark, Afrodite, Dário, as Gémeas, Damien, Stevie Rae e até Refaim. Foi a Refaim que dirigi a minha pergunta:

— Tu também viste, não viste?

Ele assentiu com ar grave.

— Se te referes à metamorfose, sim.

— Ver o quê? — perguntou Stark, já exasperado.

— Ele estava a transformar-se num touro — disse Stevie Rae. — Eu também vi.

— Aquele branco giraço estava a transformar-se num touro? Não pode ser normal — disse Kramisha, a olhar para a multidão que deixáramos para trás.

— Rapaz branco – touro branco — disse Stevie Rae. Depois, no que mais parecia eu, acrescentou: — Raios me partam.



SEXTO CAPÍTULO

Erik

Estivera no caminho para a sala de Teatro, devagar, a desejar com toda a gana, em vez de ir para as aulas, estar a entrar no cenário grandioso de um filme, em Los Angeles, na Nova Zelândia, no Canadá... Raios! Em qualquer lugar menos em Tulsa, Oklahoma! Também estivera a pensar em como é que passara do iniciado mais perdido de bom do campus e próximo Brad Pitt, segundo o agente de casting mais cotado entre os vampyros em L.A., para Professor de Teatro e Caça-Cabeças vampyro.

— Zoey — murmurou Erik de si para consigo. — A minha cena começou a descambar no dia em que a conheci.

Depois sentiu-se um traste por dizer isto, mesmo que ninguém o tivesse ouvido. Ele não tinha problemas nenhuns com a Z. Até eram mais ou menos amigos. Por outro lado, já tinha problemas com a quantidade de maluquices que a rodeava. *Ela só atrai anormais, caraças*, pensou ele. Não admirava que tivessem acabado tudo. Erik não era anormal nenhum.

Depois esfregou a palma da mão direita.

Passaram por ele vários iniciados, apressados; Erik estendeu a mão e agarrou num pelo colarinho do casaco de xadrez da farda.

— Eh lá, qual é a pressa, e porque é que não estás nas aulas? — Erik olhou para o miúdo de má catadura, mais por estar chateado por soar como aqueles profes, que só dizem “vá já para as aulas, jovem”, do que por se ralar com o destino do iniciado.

Erik ficou ainda mais chateado quando o miúdo se encolheu todo e ficou com ar de quem ia fazer chichi nas calças.

— Passa-se qualquer coisa. Uma luta ou coisa assim.

— Pisga-te. — Erik largou-o com um safanão e o miúdo saltitou dali para fora.

Erik nem sequer pensou em ir ver. Sabia muito bem o que iria encontrar. A Zoey no meio da confusão. Não lhe faltava quem a ajudasse a sair da trapalhada. Ela não era responsabilidade dele, caraças, assim como livrar o mundo inteiro da Escuridão também não era responsabilidade dele, caraças.

Foi quando estendeu a mão para a maçaneta da porta da sala que a palma da mão direita lhe começou a arder. Erik abanou-a. Depois parou e olhou.

A marca em forma de espiral labiríntica estava toda inchada, como se feita por um ferro em brasa.

Depois a compulsão assolou-o. Esmagadora.

Erik ofegou, virou-se e começou a correr para o parque de estacionamento dos alunos e o seu *Mustang* vermelho. O ímpeto atingiu um nível febril e ele não conseguia estar quieto e os pensamentos surgiam-lhe em fragmentos de frases.

— Broken Arrow. 2801 South Juniper Avenue. A andar. Em trinta e cinco minutos. Vou despachar-me. Tenho de me despachar. Shaylin Ruede. Shaylin Ruede. Shaylin Ruede. Vai vai vai...

Erik sabia o que lhe estava a acontecer. Estava preparado. O último Caça da Casa da Noite, que se intitulava Caronte, dissera-lhe exatamente com o que podia contar. Quando chegasse a altura de ele Marcar um iniciado, a palma da mão começar-lhe-ia a arder; ele saberia o local, a hora e o nome; ele teria uma compulsão incontrolável de lá ir.

Erik achava-se preparado, mas não se apercebera da profundidade do anseio que o dominaria – o poder singular do foco que latejava nele ao ritmo quente e urgente que ele sentia na palma da mão.

Shaylin Ruede seria a primeira iniciada Marcada por ele.

Levou trinta minutos a passar daquela zona de Tulsa ao complexo de apartamentos aninhado no subúrbio sossegado de Broken Arrow. Erik entrou num lugar para visitantes no estacionamento. As mãos tremiam-lhe quando saiu do *Mustang*. A compulsão levou-o ao passeio na parte da frente do complexo, paralelo à rua. Os apartamentos tinham luzes brancas e suaves que pareciam aquários gigantescos e opacos em cima de postes de ferro forjado, e o passeio estava banhado em poças de luz cor de creme. Era uma alameda de cedros e carvalhos vetustos, aquele lado da rua. Erik viu as horas. 3:45 da manhã. Estranha hora e estranho local para Marcar alguém. Caronte informara-o de que a compulsão do Caça nunca seria engano – ele só tinha de a seguir, deixar o instinto levá-lo,

e correria tudo bem. Não obstante, não se via absolutamente viva alma e Erik começou a afligir-se quando ouviu *tap-tap-tap*. Em frente dele, uma rapariga virava a esquina do complexo e ele pôde vê-la bem. Andava devagar pelo passeio, na direção dele. De cada vez que ela entrava numa poça de luz, Erik estudava-a. Era pequena – baixinha com farto cabelo castanho. O cabelo era tanto, aliás, que ele ficou distraído com o brilho e a espessura e não reparou noutra coisa acerca dela – até assimilar o que era o *tap-tap-tap*. Ela trazia uma bengala branca comprida que oscilava continuamente diante de si, portanto, orientava-se pelo som e pelo toque. Poucos metros avançava sem parar para tossir com uma tosse húmida pavorosa.

Erik soube duas coisas de imediato. Primeiro, era Shaylin Ruede, a adolescente que ele deveria marcar. Segundo, era cega.

Ele ter-se-ia impedido se pudesse, mas não havia poder mortal e, segundo Caronte, poder mágico também não, que afastassem Erik daquela miúda até a marcar. Quando a rapariga chegou a poucos metros dele, ele ergueu a mão com a palma para a frente e apontou para ela. Abriu a boca para falar mas ela adiantou-se-lhe.

— Olá? Quem é? Quem está aí?

— Erik Night — balbuciou ele. Depois abanou a cabeça e pigarreou.

— Não, não é nada assim.

— Tu não és Erik Night?

— Sim, quer dizer, não. Espera, também não é nada assim. Não era isto que eu deveria dizer. — As mãos tremiam-lhe e ele sentia-se enjoado.

— Estás bem? Não pareces nada bem. — Ela tossiu. — Tens a mesma gripe que eu apanhei? Senti-me péssima o dia todo.

— Não, estou bem. É que tenho de te dizer uma coisa, e não é para ser como me chamo nem nada disso. Oh, caraças. Estou mesmo a estragar tudo. Eu nunca me esqueço das deixas. Está tudo mal.

— Estás a ensaiar uma peça?

— Não. Não te passa pela cabeça a ironia dessa pergunta — respondeu ele, a esfregar a cara suada e a sentir-se confuso.

Ela inclinou a cabeça para um lado e franziu o sobrolho.

— Não me vais assaltar, pois não? Sei que é tarde e tudo, e que sou cega e que não devia andar aqui sozinha. Mas é a altura mais fácil para ir dar um passeio sozinha. Quase nunca passo tempo sozinha.

— Não vou assaltar-te — disse ele num tom muito infeliz. — Nunca faria uma coisa dessas.

— Então o que estás aqui a fazer, e o que foi que estragaste?

— Isto não está a correr como devia correr!

— E se me raptares também não te serve de nada. Moro aqui com a minha mãe adotiva. Ela não tem dinheiro nenhum. Aliás, desde que eu trabalho depois das aulas na Biblioteca de BA Sul ali ao fundo da rua, tenho mais dinheiro do que ela. Hum, não é que tenha algum neste preciso momento.

— Raptar-te? Não! — Depois Erik dobrou-se sobre si próprio, agarrado à barriga. — Fosga-se! Caronte não me disse que ia doer tanto se eu não o fizesse.

— Caronte? És de algum gangue? Vou ser algum sacrifício iniciático?

— Não!

— Ótimo, porque isso é que seria uma treta mesmo. — Ela sorriu na direção dele e depois começou a virar costas para arrear caminho. — Muito bem, então. Se não houver mais nada. Gosto em conhecer-te, Erik Night. Pelo menos acho que é assim que te chamas.

Com enorme esforço, Erik endireitou-se o bastante para levantar a mão outra vez, com a palma para a frente.

— Foi isto que eu vim cá fazer. — Numa voz subitamente eivada de magia, mistério e finalidade, Erik Night proferiu as palavras de antanho dos Caça-Cabeças:

— *Shaylin Ruede! Foste Escolhida pela Noite! A morte será o teu nascimento. A Noite chama-te; ouve a Sua doce voz. O teu destino espera-te na Casa da Noite!*

O ardor todo que se acumulara no abdómen dele, que o pusera enjoado e confuso e cheio de calor, irrompeu da palma da mão dele. Até o conseguia ver! E bateu direitinho na testa de Shaylin. Ela soltou um “Oh!” admirado e caiu graciosamente no chão.

Pronto, ele sabia que deveria ser muito vampyrico e desaparecer nas sombras e voltar à Casa da Noite, deixando a iniciada encontrar o caminho para lá. Caronte dissera-lhe que era esse o procedimento. Pelo menos, era esse no mundo moderno.

Erik pensou em desvanecer-se nas sombras. Até começou a recuar, e depois Shaylin levantou a cabeça. Caíra no meio de uma poça de luz e tinha o rosto iluminado. Estava absolutamente perfeita! Os lábios cheios cor-de-rosa curvados num sorriso admirado e os olhos a pestanejar como que para limpar a vista. Se não fosse cega, Erik juraria que estava a olhar para ele com uns olhos pretos enormes. A pele pálida era perfeita e, no meio da testa, via-se a nova Marca brilhar num bonito tom escarlate.

Escarlate?

A cor sacudiu-o e ele começou a aproximar-se dela e a dizer:

— Espera, não. Não está nada bem. — Ao mesmo tempo, Shaylin dizia: — Oh, meu Deus! Consigo ver!

Erik correu para ela e depois ficou especado, sem saber o que fazer, enquanto ela se recompunha e levantava. Abanava um pouco, mas pestanejava e olhava para tudo o que os rodeava, um sorriso enorme na cara bonita.

— Consigo mesmo ver! Oh meu Deus! Isto é incrível!

— Isto não está bem. Estraguei mesmo tudo.

— Quero lá saber se estragaste ou não – muitíssimo obrigada! Consigo ver! — exclamou ela, e abraçou-o, a rir-se e a chorar ao mesmo tempo.

Erik deu-lhe palmadinhas nas costas, muito desajeitado. Ela cheirava bem, a morangos ou talvez pêssegos – uma fruta qualquer. E era mesmo macia.

— Oh, Deus! Desculpa. — Shaylin soltou-o de repente e deu um passo atrás. Tinha as faces coradas e limpou os olhos. Depois esses olhos húmidos e pretos arregalaram-se para qualquer coisa acima do ombro dele e ele girou nos calcanhares, de mãos erguidas e pronto para dar um enxerto em alguém. — Oh, não. Desculpa outra vez. — Os dedos dela ficaram no braço dele apenas um segundo enquanto ela dava um passo lento para além dele. Erik olhou para baixo e viu que ela estava embasbacada a olhar para um carvalho grande e velho. — É tão lindo! — Com passos cada vez mais seguros, ela foi até à árvore e pôs a mão no tronco. A olhar para as ramagens acima da cabeça, Shaylin disse: — Eu tinha imagens na minha cabeça. Coisas de que me recordava antes de perder a vista, mas isto é muito, muito, melhor. — Ela tornou a limpar os olhos e depois virou-os, cintilantes, para ele, e arregalou-os ainda mais. — Oh, ena!

Apesar da estranheza de tudo, Erik não pôde deixar de sorrir para ela com o seu sorriso de estrela de cinema.

— Pois, antes de eu ser destacado para Caça, estava a caminho de Hollywood.

— Não, não digo ena por seres giro, embora sejas giro. Acho eu — disse ela rapidamente, ainda a olhar para ele.

— E sou — garantiu ele, a recordar-se de que ela reagia em estado de choque, provavelmente.

— Pois bem, quero dizer que te consigo ver *realmente*.

— E depois? — *Deusa, Shaylin Ruede, Marcada ou desMarcada, era uma rapariga muito esquisita.*

— Deixei de ver ainda era miúda, mesmo antes de fazer cinco anos,

mas não me lembro nada de saber ver as pessoas por dentro. E parece-me que, se fosse algo comum, já teria lido sobre isso na internet.

— Como é que podes usar a internet se és cega?

— A sério? Estás mesmo a perguntar isso? Como se não soubesses nada de gente incapacitada?

— Como é que haveria de saber? Não sou deficiente — disse Erik.

— A sério, outra vez? Não é isso que o teu interior diz.

— Shaylin, mas de que raio estás para aí a falar? — *Ai que ela era maluca! E se ele tivesse estragado aquilo do Caça e a tivesse feito iniciada vermelha, como se não bastasse, mas também iniciada vermelha maluca? Fosga-se! Estava mesmo metido num lindo sarilho!*

— Como é que sabes o meu nome?

— Todos os Caças sabem o nome dos iniciados que vão Marcar.

Shaylin levou a mão à testa.

— Oh, ena! Pois é! Vou ser vampyra!

— Bom, se sobreviveres. Aliás, não sei bem o que se passa. Tens uma Marca vermelha.

— Vermelha? Achava que os iniciados tinham Marcas azuis e, por fim, tatuagens azuis. Tu tens. — Ela apontou para a tatuagem dele, que lhe emoldurava os olhos azuis estilo Clark Kent como uma máscara.

— Pois sim, tu devias ter uma tatuagem azul. Mas não tens. É vermelha. E podemos voltar ao que dizias de ver por dentro de mim?

— Ah, isso. Pois, é espantoso. Consigo ver-te, e depois também vejo toda a espécie de cores à tua volta. É como se o que está dentro de ti brilhasse em teu redor. — Ela abanou a cabeça, como que maravilhada, a olhar ainda com mais atenção. Depois pestanejou, franziu o sobrolho e tornou a pestanejar. — Hum. Que interessante.

— Cores? Não me faz sentido nenhum. — Ele apercebeu-se de que ela apertava bem os lábios, como se não quisesse dizer mais nada, o que, por qualquer razão, o chateava sobremaneira, e perguntou:

— Que cores tenho à minha volta?

— Montes de verde-ervilha todo misturado com qualquer coisa aquosa. Faz-me lembrar as ervilhas espapaçadas que nos tentam impingir nalguns sítios quando pedimos peixe e batatas fritas, embora não faça sentido nenhum.

Erik abanou a cabeça.

— Nada disto faz sentido algum. Por que raio tenho cor de ervilhas espapaçadas à minha volta?

— Ah, isso é fácil. Quando me concentro nisso, consigo ver o que significa a teu respeito. — Ela fechou a boca e encolheu os ombros. —

Depois também tens umas centelhas que aparecem de vez em quando, mas não sei dizer de que cor são e só sei um pouco do que significam. Mas que loucura, não é?

— O que diz o verde-ervilha e a coisa aquosa a meu respeito?

— O que te parece que diz?

— Porque é que respondes à pergunta com outra pergunta?

— Olha, tu acabaste de responder à minha pergunta com uma pergunta — disse Shaylin.

— Eu perguntei primeiro.

— E isso importa mesmo? — contrapôs Shaylin.

— Importa — disse ele, a tentar dominar o mau génio, embora ela fosse chatinha como o caraças. — O que significa a cor de ervilha?

— Pronto. Significa que nunca tiveste de te esforçar muito para teres o que quiseses.

Ele fez má cara.

Ela encolheu os ombros.

— Tu é que perguntaste.

— Tu não sabes pevas sobre mim.

De súbito, Shaylin ficou zangada.

— Ora, francamente! Não sei porquê, mas sei que sei o que estou a ver.

— Ouve, não é que eu tenha de escorrer ervilhas espapaçadas para tu veres que este sorriso já me abriu muitas portas — disse Erik, sarcástico.

— Pois bem, explica-me porque é que também sei que a parte cinzenta enevoadá significa que ficaste triste com qualquer coisa. — Ela pôs as mãos nas ancas, semicerrou os olhos e mirou-o. Bem. Depois assentiu, como se concordasse consigo própria. Com um ar presumido, acrescentou: — Acho que morreu alguém a quem eras muito chegado.

Erik sentiu como se ela lhe tivesse batido. Não conseguiu dizer nada. Deixou de olhar para ela e tentou pensar no meio daquela onda de tristeza.

— Ouve, desculpa.

Ele olhou para baixo e viu que ela correra para ele e lhe pusera a mão no braço. Já não parecia presumida.

— Foi um disparate — declarou ela.

— Não — disse ele. — Não foi disparate. Morreu um amigo meu há pouco tempo.

Ela abanou a cabeça.

— Não me referia a isso. Foi um disparate ter falado assim, toda

mazinha. Eu não sou nada assim. Não sou esse tipo de pessoa. Portanto, desculpa.

Erik suspirou.

— Também peço desculpa. Nada disto aconteceu como deveria ter acontecido.

Shaylin levou a mão à testa, hesitante.

— Nunca Marcaste ninguém a vermelho?

— Nunca Marquei ninguém além de ti — admitiu ele.

— Oh, ena. Sou a tua primeira?

— És, e estraguei tudo.

Ela sorriu.

— Se ficar a ver foi um estrago, sou toda a favor.

— Bom, fico contente que possas ver, mas ainda tenho de descobrir como é que isso aconteceu. — Ele apontou para a Marca vermelha. — E isto. — Erik fez um gesto que o abarcava. — As ervilhas.

— As ervilhas vieram de ti, mas também há outras cores. Como quando pediste desculpa, eu pude ver...

— Não! — Ele pôs uma mão no ar, interrompendo-a. — Não me parece que queira saber o que mais consegues ver.

— Desculpa — disse ela baixinho, a olhar para baixo e a raspar a biqueira do sapato na erva acastanhada do inverno. — Acho que é mesmo esquisito. Portanto, e agora?

Erik tornou a suspirar.

— Não peças desculpa, e não há mal nenhum na esquisitice. Tenho a certeza de que Nyx tem motivos para te conceder esse dom, e esta Marca vermelha.

— Nyx?

— Nyx é a nossa Deusa. A Deusa da Noite. É espantosa, e por vezes concede dons muito fixes aos iniciados. — Erik falava e sentia-se um rematado palerma. Só podia ser o pior Caça-Cabeças na história da Casa da Noite. Transformara uma ceguinha numa iniciada vermelha que via coisas por dentro, e estava a contar-lhe da Deusa deles. — Anda lá. — Erik já não se ralava com a censura de Caronte – ele já não estava a seguir o guião, fosse como fosse. Bem podia continuar a estragar tudo. — Mostra-me onde moras, ou moravas. Faz a mala ou coisa assim. Vens comigo.

— Ah, pois. Para a Casa da Noite de Tulsa, não é?

— Na verdade, não. Primeiro vou levar-te a uma Sumo-Sacerdotisa iniciada vermelha. Talvez ela consiga descobrir o que é que eu fiz mal.

— Ouve, ela não vai tentar “consertar-me” pondo-me cega outra vez, pois não?

— Shaylin, por mais que me custe admitir, acho que não és tu quem precisa de conserto, mas sim eu.



SÉTIMO CAPÍTULO

Zoey

— **Z**oey, estás a ouvir?
Apercebi-me de que, enquanto estivera a escovar *Perséfone* como uma maníaca, Lenóbia entrara na cocheira e começara a conversar. Bom, apercebi-me de que ela dizia qualquer coisa. Em voz alta. Para mim. Mas eu não assimilara nada. Suspirei e virei-me para a Mestre de Equitação, encostei-me ao corpo quente e robusto da égua a tentar encontrar calma e energia na sua presença familiar.

— Desculpe, não. Não estava a tomar atenção. Estou distraidíssima. O que estava a Lenóbia a dizer?

— Estava a perguntar o que sabes do tal rapaz Aurox.

— Nada, tirando poder jurar que não se trata de rapaz nenhum — respondi.

— Sim, já corre pela escola fora que ele é um metamorfo.

Senti-me arregalar os olhos.

— A sério? Mas isso existe? Como o Sam e a mãe tarada e o irmão dele das barracas?

— Sam?

— *Sangue Fresco* — expliquei. — São metamorfos. Podem mudar para qualquer forma que tenham visto. Parece-me. Embora não me pareça que se possam transformar em coisas inanimadas. Credo, tenho mesmo de ler os livros para saber o que se passa. Seja como for, torno a perguntar, *mas isso existe?*

— Ponto 1, não vejo televisão. Nunca arranjei esse hábito. Terei de ler os livros *Sangue Fresco* também.

— Aliás, são livros da Sookie Stackhouse escritos por uma humana

muito fixe chamada Charlaine Harris. — Reparei no olhar de Lenóbia e acrescentei à pressa: — Desculpe, desculpe, não era isso que a Lenóbia queria dizer. Qual é o Ponto 2?

— O Ponto 2 remete para a tua pergunta original; existe muito *disso* por aí, neste mundo e no Outro Mundo.

Engoli em seco.

— Eu sei. Especialmente no Outro Mundo.

— Dito isto, há muitas culturas com provas da existência de metamorfos nas suas lendas e mitos. Parece-me razoável que algumas dessas histórias tenham fundo de verdade.

— Não consigo decidir se isso é mau ou bom — disse eu.

— Creio que o melhor que podemos esperar é que seja como com todos nós: bom ou mau consoante o indivíduo. O que me leva à pergunta seguinte. Além dos mexericos na escola sobre Aurox e a sua capacidade de, pelo menos, parecer metamorfosear-se, diz-se que tu tiveste uma reação bastante forte. É verdade?

Senti a cara a arder.

— Infelizmente, é. Fiz figura de parva diante da escola praticamente toda. Outra vez.

— Porquê? Quando sabes melhor do que ninguém como a Neferet é perigosamente manipuladora, porque é que havias de a confrontar publicamente dessa maneira?

— Porque sou uma tansa — respondi com um ar muitíssimo infeliz.

— Não. — Lenóbia sorriu bondosamente. — Não és nada tansa, e por isso é que eu queria falar contigo acerca disto, a sós. Creio que não deves empolar a tua reação ao Aurox, talvez até junto dos teus melhores amigos. Guarda esses sentimentos só para ti. Põe uma fachada impenetrável.

— Impenetrável? Desculpe, eu cá sou sempre um livro aberto.

— Pois deves manter as tuas reações ao que vires e aquilo que sentires em segredo de todos os que te observarem.

— Porquê? — Agora é que ela me prendera a atenção mesmo. Não era nada típico de Lenóbia (nem de nenhum vampyro *sensato*) pedir segredo a uma iniciada.

Ela fitou-me e fiquei novamente siderada com aquela cor de olhos de um cinzento invulgar. Era quase como se ela tivesse encerrado nuvens tormentosas no olhar.

— Aprendi muito nova que o mal gosta que o gabem, mesmo quando faria melhor em não dar nas vistas. Tem sido experiência minha que o verdadeiro combate da Escuridão não é com a Luz e a força do amor e da

verdade e da lealdade. Creio que a maior ameaça ao mal vem do próprio orgulho, arrogância e cupidez. Ainda estou para ver um rufião que não seja fanfarrão, ou um ladrão que não seja gabarolas. Por isso é que são apanhados. A Escuridão poderia safar-se com muito mais destruição se fosse mais, digamos, *circumspecta*.

— Mas está na natureza da Escuridão gabar-se e pavonear-se, pelo que a Escuridão compreende quando alguém chama a atenção para os seus atos e tal — disse eu, finalmente a perceber. — Ou seja, quando alguém que tenta combater pelo lado do bem se cala, e espera e espreita o momento certo para agir, o mal fica abalado.

— E é apanhado desprevenido pela força que irradia da honestidade, serenidade e determinação tranquila — disse Lenóbia.

Respirei fundo, olhei em redor para ver se ninguém espreitava à porta da cocheira de *Perséfone*, e depois falei baixinho para Lenóbia.

— No segundo em que vi Aurox, a minha pedra vidente ficou ao rubro. As únicas outras vezes em que isso aconteceu foi na presença de magia antiga. — Hesitei, mas depois admiti. — Esta noite olhei através da pedra vidente e vi algo estranho em redor do Stark. Fiquei um bocadinho passada.

— O que disse o Stark sobre isso?

— Eu... Hum, não lhe contei.

— Não? Porquê?

— Bom, primeiro porque me distraí com ele. — Despachei-me, porque de certezinha que ficara toda corada. — E desde então não sei porque é que não disse nada. — Pensei na discussão que tínhamos tido a caminho da escola. — Não, espere, sei porquê sim senhora. Desde aquilo tudo do Outro Mundo que as coisas não são as mesmas entre mim e o Stark. Parte disso é bom — somos muito íntimos a maior parte do tempo. Mas também há muita estranheza.

Lenóbia assentiu.

— É compreensível. Uma experiência da magnitude daquela por que vocês os dois passaram só pode mudar a dinâmica da relação. Vislumbrar magia antiga agarrada ao Stark poderá simplesmente ser vestígio da estadia dele no Outro Mundo. — Ela sorriu. — Imagino que se pudessem olhar para ti própria pela pedra vidente, pudesses ver...

— Oh, raios me partam, não! Não quero ver nada agarrado a mim!

O sorriso de Lenóbia esmoreceu.

— Pareces assustada.

— Estou passada, isso de certeza. Acho que já tive bastante magia antiga e Outro Mundo e tudo o que isso acarretar durante muito, muito tempo.

— Ah, compreendo. Se Aurox tiver vestígios de magia antiga, será por isso que a presença dele te afeta tanto.

— Ele fez-me sentir muito esquisita, ainda antes de o ver transformado em touro.

— Esquisita? Também tiveste medo nessa altura?

— Tive, mas uma sensação de surpresa esquisita, como se a intuição visse algo que a cabeça não consegue abarcar. Depois fiquei muitíssimo ansiosa. Há qualquer coisa de mal naquele tipo, Lenóbia, e qualquer coisa muito, muito antiga.

— Mas consegues ver que ele parece um adolescente bem-parecido ao resto do mundo?

— Acho que consigo. — Depois funguei. — Gostaria de o levar a Skye e descobrir o que *essa* parte do “resto do mundo” vê quando olha para ele.

— A tua pedra vidente veio de Skye?

— Veio, foi a Rainha quem ma deu. Ela disse que, se houver magia antiga quando eu olhar através dela, a conseguirei ver. — Lembrei-me do Stark, das sombras e das coisas sinistras. — Lidar com o que consigo ver com os meus próprios olhos já me basta. Não quero olhar através da pedra vidente mais vez nenhuma. — Abanei a cabeça, envergonhada com tanta fraqueza. — Desculpe. Sou mesmo infantil. Não deveria ter tanto medo. Deveria ter olhado pela parva da pedra para o Aurox.

— E o que teria acontecido se visses algo terrível? Qualquer pessoa que olhe através da pedra vidente vê magia antiga?

— Não. — Limpei as lágrimas da cara. — É um dom que só têm certas Sumo-Sacerdotisas.

— Portanto, se tivesses visto algo da Escuridão através da pedra, contado a toda a gente, e confiado na pedra para mostrar o que tu vias, ficarias sem provas reais?

— Pois, é mais ou menos isso. Estava, e estou, tramada.

— Não, estavas, e estás, certa em dar ouvidos ao instinto. Algo de muito mau se passa com este peão da Neferet. Tu soubeste desde o momento em que o viste e, como sabias, não podias simplesmente ficar ali de boca calada a fingires-te de criança insípida.

Tomei nota mentalmente para procurar insípida no dicionário ou perguntar ao Damien.

Lenóbia ainda não tinha terminado. Continuou com toda a seriedade:

— Gostaria que passasses algum tempo a refletir sobre Aurox. Repara como te sentes e exatamente o que vês da próxima vez que o encon-

trares – mas em silêncio. Fachada impenetrável. Não deixes que ninguém saiba o que se passa por detrás dessa bonita carinha adolescente.

— A Lenóbia não acha que eu o deva ver através da pedra vidente?

— Só quando deixares de estar transida de medo pelo que poderás ver. Quando o instinto te disser que chegou a altura, então poderás olhar, mas só nessa altura.

— E o Stark? — perguntei, e sustive o fôlego.

— O Stark prestou juramento a ti e à nossa Deusa. Parece-me positivo que haja magia antiga agarrada a ele. Deixa de te ralares com o teu Guerreiro – ele sente-o e isso não o ajuda nada.

— Pois sim, faz sentido. Portanto, estar aliviadíssima por não ter de olhar pela pedra vidente não faz de mim infantil nem covarde?

Ela sorriu.

— Não, e também não faz de ti tansa alguma. És uma jovem Sumo-Sacerdotisa iniciada, a primeira na História, e estás simplesmente a tentar encontrar o teu caminho num mundo deveras confuso.

— A Lenóbia é mesmo inteligente — observei.

Ela riu-se.

— Não, sou mesmo velha.

Eu também me ri porque, mesmo tendo a certeza de que ela tinha cento e tal anos, Lenóbia não parecia mais de trinta.

— Bom, a Lenóbia parece ter vinte e tal — menti, — o que faz de si velha, mas *mesmo* velha também não.

— Vinte e tal! Com essa capacidade de dissimulação, vais sair-te muito bem a ocultar os teus pensamentos sobre Aurox — disse Lenóbia. Depois juro que se riu, o que lhe deu um ar muitíssimo jovem. — Vinte e tal! Há mais de duzentos anos que não tenho!

— Qual é o segredo? Botox e injeções nos lábios? — perguntei, a rir-me também.

— B negativo e ecrã solar — retrucou ela.

— Viva, minha gente, desculpem lá interromper. — Os caracolinhos louros de Stevie Rae adejaram à porta da cocheira quando ela espreitou lá para dentro.

— Não interrompes, Stevie Rae — disse Lenóbia, ainda a sorrir. — Entra, junta-te a nós. Estávamos a falar de envelhecimento gracioso.

— A minha mãezinha sempre disse oito horas de sono, beber muita água, e não ter filhos nenhuns é uma receita anti-idade melhor do que um médico ou a L'Oréal pode congeminar. — Stevie Rae sorriu para Lenóbia e depois olhou para *Perséfone* com ar aflito. — Obrigada por me convida-

rem a entrar, mas fico aqui fora. Não gosto de cavalos. Sem ofensa, mas são muito grandes.

— Sem ofensa — disse Lenóbia. — Os Guerreiros precisam de alguma coisa?

— Népias. O picadeiro dá um jeitão para as aulas. Eles estão a reinar bastante, ou seja, a baterem uns nos outros com espadas de pau e a disparar setas contra as coisas e a berrarem muito. — Nós as três revirámos os olhos. — Mas chegou o seu cowboy, por isso a vim buscar.

— O meu cowboy? — Lenóbia parecia completamente perplexa. — Não tenho cowboy nenhum.

— Bom, ele tem de ser seu porque apareceu à entrada do curral com um reboque para cavalos enorme a apresentar-se ao serviço e a perguntar onde é que pode descarregar as coisas dele — disse Stevie Rae.

Lenóbia suspirou longamente. Obviamente aborrecida, disse:

— Neferet. Isto é obra dela. Ele é o primeiro dos humanos locais que ela contratou.

— Não percebo onde é que a Neferet quer chegar com isso — disse Stevie Rae. — Sei muito bem que ela detesta humanos e não dá um caracol furado que as gentes locais gostem da nossa presença aqui ou não.

— A Neferet quer causar problemas — disse eu.

— E começou por mim porque sabe que estou do vosso lado — disse Lenóbia.

— Caos. — Proferi a palavra e senti a verdade dela. — A Neferet quer causar o caos nas nossas vidas.

— Então demos calorosas boas-vindas ao tal cowboy, para que ele se sinta em casa, e mostremos-lhe que o trabalho nos meus estábulos não é nada caótico, até pode ser um grande tédio. Se fizermos assim, talvez, apenas talvez ele prefira mudar-se para pastagens mais luxuriantes e a Neferet se vire para outro lado qualquer.

Como se fosse em missão, Lenóbia marchou para fora da cocheira de *Perséfone*. Eu e Stevie Rae entreolhámo-nos.

— Não perco isto por nada deste mundo. — Dei uma palmadinha afetuosa no flanco quente de *Perséfone* e atirei a almofaça para dentro do cesto.

Stevie Rae meteu o braço no meu e fomos atrás de Lenóbia.

— Eu só não disse à Lenóbia o giraço que o cowboy dela é — susurrou-me ela.

— A sério?

— Já vais ver.

Fiquei curiosíssima e estuguei o passo, atravessei a areia do picadeiro e acenei de fuga para Stark, o qual estava a passar um arco a Refaim. Stevie Rae tentou soprar a este um beijo, mas não a deixei parar e ela só pôde rir-se e acenar. Tentei não ligar à má cara de Stark e concentrei-me em *não* mostrar nada dos sentimentos de curiosidade, entusiasmo e confusão que estava a ter.

Não sei bem porquê, mas não queria nada que Stark me fizesse perguntas sobre Aurox.

— Pronto, lá está ele. O rapaz alto que não é vampyro de chapéu de vaqueiro à porta. — Stevie Rae apontou para as portas laterais do picadeiro. Estavam escancaradas. Do lado de fora estava um grande reboque para cavalos e uma daquelas carrinhas enormes que os tipos do Oklahoma gostam de comprar e conduzir, e praticamente vivem lá dentro. Em frente do reboque estava um homem muito alto. E Stevie Rae tinha mesmo razão. Era mesmo giro, mesmo sendo mais velho e tudo.

— Parece alguém saído do Canal do Faroeste — disse eu. — A fazer de herói de tempos de antanho.

— Sam Elliott, é com ele que ele é parecido.

— Hum? — Olhei para ela com ar interrogativo.

Ela suspirou.

— Entrou numa data de filmes de cowboys. Sabes, tipo *Tombstone*.

— Tu vês filmes de cowboys?

— Via, com a mãe e o pai, especialmente ao sábado à noite antes de ir dormir. E depois?

— E depois nada.

— *Não* contes à Afrodite — pediu ela.

— Não contes à Afrodite o quê? — perguntou Afrodite.

Eu e Stevie Rae demos um salto quando ela se materializou no ar atrás de nós.

— Não sejas sinistra e furtiva — ralhei.

— Não sou nada. Sou naturalmente graciosa. É porque tenho uma estrutura óssea delicada — disse ela. Depois virou aquele olhar azul gelado para Stevie Rae.

— Outra vez: não contes à Afrodite o quê?

— Que o cowboy da Lenóbia é perdido de bom — respondeu Stevie Rae.

Afrodite mirou-a como que a dizer que ela mentia muito mal, o que era verdade, mas voltou logo a mirar a silhueta espadaúda do homem.

— Oooh! A Lenóbia e o...

— Empregado — atalhei, embora Afrodite não me estivesse a ligar nenhuma. — Ele vai trabalhar para a Lenóbia.

— Bom — sentenciou Afrodite. — Não é perdido de bom como o Dário, mas é bom.

— Minha gente, eu já tinha dito. E é tão alto que faz a Lenóbia parecer ainda mais pequenina.

Eu, Stevie Rae e Afrodite aproximámo-nos mais para tentar ouvir, sem dar muito nas vistas que éramos umas basbaques (fraco esforço), o cowboy levou a mão ao chapéu para cumprimentar Lenóbia e disse, no mais perfeito sotaque do Oklahoma:

— Viva, senhora dona. Sou o novo moço de estrebaria. Agradecido se me indicar o responsável.

Eu dali não via a cara de Lenóbia mas vi-a endireitar muito as costas.

— Ai ai — bichanou Stevie Rae.

— Lá se vão as boas-vindas calorosas — disse eu baixinho só para Stevie Rae e Afrodite.

— O John Wayne meteu a pata na poça — disse Afrodite.

— Eu chamo-me Lenóbia. — A voz dela chegava-nos facilmente, e não me parecia zangada. Parecia uma tempestade de gelo. — Sou a responsável desta estrebaria e a sua nova patroa. — Seguiu-se um silêncio constrangedor, pois Lenóbia não estendeu a mão ao homem.

— Brrr — sussurrou Afrodite. — Acabou de me fazer lembrar a minha mãe, e para o John Wayne isso não é nada bom.

— Sam Elliott — bichanou Stevie Rae.

Afrodite franziu o sobrolho a olhar para a minha Melhor Amiga. Reprimi um suspiro de desesperança.

— Ele não parece nada o John Wayne — continuou ela a bichanar, muito teatral. — Mas parece *tal e qual* o Sam Elliott.

— Tu vias muita televisão pública quando eras miúda, provavelmente depois do jantar em família ao sábado à noite. Que infelicidade.

Afrodite abanou a cabeça a olhar para Stevie Rae. Fiquei a pensar na bizzaria que era a Afrodite saber coisas de família da Stevie Rae quando as três nos virámos outra vez para O Programa do Cowboy.

O homem tornou a tirar o chapéu a Lenóbia, desta vez sorriu e, mesmo longe como estávamos, vi que os olhos dele brilhavam.

— Bem, senhora dona Lenóbia, parece que fui mal informado. Ainda bem que esclarecemos tudo. Chamo-me Travis Foster e tenho muito gosto em conhecê-la, patroa.

— E não se importa de ficar a saber que tem uma patroa?

— Não, senhora. A minha mãezinha ensinou-me bem e nunca trabalhei tanto nem com tanto gosto como com ela.

— Senhor Foster, mas eu faço-lhe lembrar a sua mãe?

Eu achei que a voz de Lenóbia poderia ter congelado água, mas parecia que Travis não reparava. Aliás, parecia que ele estava a divertir-se. Inclinou o chapéu para trás e olhou para Lenóbia, como se a pergunta tivesse sido a sério e não sarcástica.

— Não, senhora, ainda não me faz lembrar nada. — Lenóbia não disse mais nada e eu estava a ter aquela sensação constrangedora que as conversas tensas entre adultos podem causar quando Travis encolheu os ombros, mais ou menos, meteu um dedo no cinto das calças de ganga e perguntou:

— Então, Lenóbia, não se importa de me indicar onde é que eu e a minha égua vamos amoitar-nos?

— Égua? Amoitar? — repetiu Lenóbia.

— Esta merda é o máximo. Quem me dera ter trazido pipocas — comentou Afrodite.

— Ela vai queimá-lo com olhos de raio laser — disse eu.

— A Lenóbia tem olhos de raio laser? — perguntou Stevie Rae.

Eu e Afrodite olhámos para ela como se ela tivesse perguntado se achávamos mesmo que a Lindsay Lohan estava curada.

— E se eu vir sem dizer nada? — sugeri Stevie Rae.

— Obrigadinha — dissemos eu e Afrodite juntas, e Stevie Rae olhou-me com má cara antes de todas voltarmos a cuscar que nem mirones.

— Bem, senhora dona — continuou Travis em voz arrastada. — Eu disse à Sumo-Sacerdotisa da sua gente quando ela me contratou que eu e a minha égua somos um só, e que precisava que ela tivesse aqui uma cocheira. Dado que acabei de fechar a época na estrebaria em Durant Springs, precisava de sítio onde morar também. — Ele calou-se, e como Lenóbia não falava, acrescentou: — Durant Springs fica no Colorado.

— Eu sei onde fica — disse Lenóbia secamente. — Que ideia é essa de que pode ficar aqui na escola? Não temos alojamento para humanos.

— Pois, sim senhora, foi o que a Sumo-Sacerdotisa disse. Dado que era preciso preencher a vaga de imediato, eu disse-lhe que não me importava de me amoitar com a *Formosa* até encontrar sítio aqui perto.

— *Formosa*?

Travis compôs o chapéu, o primeiro sinal de que poderia estar pouco à vontade.

— Sim, senhora, a minha égua chama-se *Formosa*. — Como se fosse

a deixa, ouviu-se um grande baque de dentro do reboque. Travis avançou para as portas traseiras enquanto falava com Lenóbia.

— Agradecido se me deixar tirá-la daqui. O Colorado fica muito longe para uma valentona.

— Achas que o cavalo é gordo? — perguntou Stevie Rae baixinho.

— Campónia, achei que ias ficar caladinha — rallhou Afrodite.

— Acho que ele acabou de cair nas boas graças dela — disse eu. Nem por sombras Lenóbia ia deixar um animal cansado ser levado, sabia a Deusa para onde.

— Traga a sua égua. Eu e você vamos falar de alojamento depois de ela estar bem instalada — disse Lenóbia.

Reparei que Travis já abrira as correntes e alavancas que trancavam o reboque, e só esperámos uns segundos até a rampa se abrir.

— Anda lá, valentona. Para trás — disse Travis numa voz que passara de educada e, por vezes, ligeiramente divertida, para calorosa, gentil e doce.

Depois a égua saiu do reboque às arrecuas e ouviram-se exclamações de choque e espanto entre todos nós. Tirei os olhos do animal só o tempo de ver que eu e Stevie Rae não éramos as únicas basbaques. Dário, Stark, Refaim e a maioria dos iniciados tinham arranjado maneira de chegar ao pé de nós.

— Aquilo não pode ser um cavalo — disse Stevie Rae, e embora estivéssemos a vários metros do animal, ela deu mesmo um passo atrás.

— C'um carças. É um dinossauro — disse Afrodite.

— Tenho a certeza de que é um cavalo — disse eu, a estudar o animal. — Mas é mesmo, mesmo grande.

— Oh, um Percheron! É maravilhosa! — exclamou Lenóbia.

Toda a gente ficou pasmada a ver a pequenina Lenóbia aproximar-se da enorme égua sem hesitação alguma. Completamente diminuída pelo tamanho do animal, a Mestre de Equitação levantou a mão muito ligeiramente. A égua mirou-a um instante e depois baixou o focinho e foi soprar na mão de Lenóbia. Esta, a sorrir como uma rapariguinha, afagou o focinho imenso da égua e disse em voz melodiosa:

— Oh, és mesmo formosa. — Depois Lenóbia olhou para o cowboy. O gelo na sua voz derretera por completo e eu achei que ela estava praticamente exuberante. — Não vejo um Percheron desde que vim de França por mar quando era menina, há mais anos do que gostaria de admitir. Havia um par destas belezas grandes no navio comigo. Recordo-as com afeto e desde sempre que tenho curiosidade quanto a cavalos de tiro. Ela tem um tom cinza malhado muito bonito. Imagino que vá ficando

mais clara com a idade. Sei ver que ela acabou de fazer cinco anos há um mês... — Lenóbia calou-se, inclinou a cabeça para um lado e fitou os olhos da égua antes de prosseguir: — Não, ela fez cinco anos há dois meses. Tem estado consigo a vida toda, não tem?

Vi Travis pestanejar, admirado. Abriu a boca, fechou-a, tornou a abri-la. Depois pigarreou.

— Bom, tem, sim senhora. — Calou-se e esticou-se para dar palmadinhas no cachaço enorme de *Formosa* como se precisasse de se agarrar a algo para se recompor. Eu sabia porque é que ele estava abalado, de repente. Toda a gente que vira Lenóbia com cavalos saberia. Quando estava a encantar cavalos, Lenóbia passava de uma vampyra muito bonita para alguém completamente espampanante, e ela estava a encantar aquela égua, e depois virou a sua adoração por cavalos para o cowboy. Não era que ele fosse o destinatário da espampanância dela, estava apenas a levar por tabela. Mas que tabela!

Travis tornou a pigarrear, rodou o chapéu na cabeça e depois disse:

— A mãezinha dela morreu depois de a *Formosa* nascer, porque caiu um raio no meio da pastagem. Eu criei-a a biberão.

Lenóbia virou os olhos cor de cinza para o cowboy. Parecia admirada, como que esquecida de que ele lá estava. A adoração por cavalos desligou-se como se tivesse interruptor.

— Fez um belo trabalho. Ela é grande, deve ter mais de dezoito mãos. Bons músculos. Em excelente estado. — Embora isto fossem elogios, o tom de voz de Lenóbia soava mais aborrecido do que simpático. Só quando olhava e sorria para a égua é que o semblante mudava para adoração e verdadeiro prazer. — És mesmo esperta, não és? — perguntou ela à *Formosa*, que estava ali impávida, com as orelhas viradas em todas as direções, pasmada connosco como nós estávamos pasmados com ela. — E sentes-te segura a ponto de te portares bem, mesmo num ambiente curioso e novo. — Lenóbia olhou para o cowboy e o semblante voltou a uma cordialidade fria. Depois assentiu breve e decididamente. — Pois muito bem, seja. O senhor e a *Formosa* venham comigo. Vou indicar-lhes a cocheira – para os dois.

Lenóbia virou-se e começou a atravessar o picadeiro. Quando chegou a meio, parou e dirigiu-se a todos nós.

— Iniciados e vampyros, este é Travis Foster. Vai trabalhar para nós. A sua égua chama-se *Formosa*. Mostrem-lhe o respeito que ela merece como belíssimo exemplo da majestosa raça Percheron. Guerreiros, atendem no tamanho e no porte dela. Os antepassados eram cavalos de guerra.

Olhei para o cowboy e vi-o sorrir e assentir ao elogio de Lenóbia, dar

palmadinhas afetuosas na égua e depois olhar afetosamente também na direção da Mestre de Equitação. Lenóbia não olhou para ele. Semicerrou os olhos e incluiu o grupo todo naquele olhar.

— E agora já podem parar de olhar e voltar ao trabalho. — Depois Lenóbia saiu do picadeiro e entrou nas cocheiras sem sequer olhar para *Formosa* e Travis, que a seguiam como se fossem traças e ela uma luz cintilante.

— Aquilo tem possibilidades interessantes — disse Afrodite.

— Ah pois tem, a égua parece muito fixe. Quer dizer, *grande*, mas mesmo assim muito fixe — comentei.

Afrodite revirou os olhos.

— Não estou a falar do cavalo, Z.

Eu estava de sobrolho franzido quando Damien chegou a correr.

— Zoey, ótimo, cá estás tu. Tens de vir comigo ao edifício principal.

— Queres dizer depois da sexta aula? Está quase no fim — disse eu.

— Não, fofa. Quero dizer agora. A tua avó está cá, e tenho a certeza de que esteve a chorar.



OITAVO CAPÍTULO

Zoey

Senti apertos no estômago e julguei que ia vomitar. — Está bem, vou já — disse para Damien. — Mas ficaria muito grata se viesses comigo. — Ele assentiu com ar sombrio e eu olhei para Stevie Rae e Afrodite. — Vocês também, está bem?

— Claro que vamos contigo — respondeu Stevie Rae.

Por uma vez na vida, Afrodite não se queixou por Stevie Rae responder pelas duas. Limitou-se a assentir e a dizer:

— Eu alinho.

Ia virar-me à procura de Stark quando o vi de repente a meu lado. A mão dele percorreu-me o braço até entrelaçarmos os dedos.

— É por causa da tua mãe?

Eu não confiava na minha voz, só pude assentir.

— A tua mãe? Achei que o Damien tinha dito que era a tua avó — disse Stevie Rae.

— Pois disse. — Afrodite adiantou-se a Damien. Estava a observar-me com uma expressão que a fazia parecer mais velha (e mais simpática) do que ela era. — É por causa da tua mãe? — perguntou ela.

Stark olhou para mim e eu tornei a mexer a cabeça. Depois ele declarou:

— A mãe da Zoey morreu.

— Oh, não! — exclamou Damien, já de lágrimas nos olhos.

— Não, está bem? — disse eu logo. — Aqui não. Não quero toda a gente a olhar para mim.

Damien apertou os lábios, piscou os olhos com força e assentiu.

— Anda lá, Z. Vamos todos ver a tua avó. — Stevie Rae ladeou-me

do lado oposto ao de Stark e enfiou o braço no meu. Afrodite agarrou na mão de Damien e todos saímos do picadeiro.

Durante todo o caminho tentei preparar-me para o que a avó me diria. Acho que me andava a preparar para ouvir o que a avó entendesse dizer-me desde que acordara do sonho no Outro Mundo onde vira Nyx a receber o espírito da minha mãe. A verdade de que me apercebi quando entrei no edifício principal da escola e cheguei à sala da frente era que nunca estaria preparada para ouvir tal notícia.

Mesmo antes de passarmos as últimas portas, Stark apertou-me a mão.

— Estou aqui, e adoro-te.

— Eu também te adoro, Z — disse Stevie Rae.

— Eu também — disse Damien e depois a voz embargou-se-lhe.

— Podes usar os meus brincos de diamantes de dois quilates — disse Afrodite.

Parei e olhei para ela.

— Hã?

Ela encolheu os ombros. — É o mais parecido com uma declaração de amor que alguma vez vais ouvir da minha boca.

Ouvi Stevie Rae suspirar profundamente e vi Damien franzir a testa e olhar com ar incrédulo para Afrodite.

Porém, eu disse simplesmente:

— Obrigada. Não me hei de esquecer. — Afrodite franziu o sobrolho e resmungou:

— Deusa, como detesto ser simpática.

Soltei-me de Stevie Rae e Stark e empurrei as portas duplas. A avó estava sozinha sentada numa ampla poltrona de couro. Damien tinha razão, a avó estivera a chorar. Parecia velha e muito, muito triste. Assim que me viu, levantou-se. Encontrámo-nos no meio da sala e agarrámo-nos uma à outra. Quando ela finalmente parou de me abraçar, a avó afastou-se apenas o bastante para olhar para mim. Continuou com as mãos nos meus ombros. Estavam quentes e eram sólidas e familiares e, de algum modo, o toque fez com que o nó no meu estômago fosse suportável.

— A mãe morreu. — Tive de falar antes dela.

A avó não pareceu admirada por eu saber. Apenas assentiu e disse:

— Sim, *u-we-tsi-a-ge-ya*, a tua mãe morreu. O espírito dela apareceu-te?

— De certo modo. Esta noite, enquanto eu dormia, Nyx mostrou-me a mãe a entrar no Outro Mundo.

Senti o arrepio que percorreu o corpo da avó nas mãos dela. Ela fechou os olhos e cambaleou. Por segundos tive medo que ela desmaiasse, e pus as mãos nas dela.

— Espírito, vem a mim! Ajuda a avó!

O elemento com o qual tenho mais forte ligação aconteceu de imediato. Senti-o envolver-me e à avó, a qual abriu a boca e parou de cambalear, mas não abriu os olhos.

— Ar, vem a mim. Rodeia a Avó Redbird e deixa-a respirar a tua força. — Damien pôs-se a meu lado e tocou uma vez no braço da avó, docemente, e uma brisa doce e impossível adejou à nossa volta.

— Fogo, vem a mim. Aquece a avó da Zoey para que ela, mesmo triste, não tenha frio.

Pestanejei, admirada, quando Shaunee se juntou a Damien. Também ela tocou na avó um segundo, depois sorriu com os olhos marejados e disse-me:

— A Kramisha disse que precisavas de nós.

— Água, vem a mim. Banha a avó da Z e leva contigo alguma da tristeza. — Erin tomou lugar ao lado de Shaunee e tocou nas costas da avó. Em seguida, tal como a Gémea, sorriu para mim no meio das lágrimas.

— Pois, nem foi preciso lermos o poema dela. Ela mandou-nos vir cá.

A avó ainda tinha os olhos fechados, mas vi-a curvar os lábios muito ligeiramente.

— Mas o meu poema era bom. — A voz de Kramisha chegou-me algures mais atrás.

No meio de um ruído de desdém de Afrodite, Stevie Rae chamou:

— Terra, vem a mim. — Stevie Rae foi para o meu outro lado e passou o braço pela cintura da avó. — Deixa que a avozinha da Z fique com algum do teu poder para ficar boa outra vez bem depressa.

A avó respirou fundo três vezes. Quando exalou por fim, abriu os olhos e, embora ainda houvesse tristeza neles, o rosto perdera o ar apavorado e emaciado de pessoa idosa que tinha quando eu a avistara.

— Diz-lhes o que eu vou fazer, *u-we-tsi-a-ge-ya*.

Eu não sabia bem o que a avó queria dizer, mas assenti. Sabia que ela me faria compreender, e não me enganei. A avó dirigiu-se a cada um dos meus amigos. Começou pelo Damien, tocou-lhe no rosto e disse:

— *Wa-do, Inole*. Tu deste-me força. — Quando passou a Shaunee, eu expliquei aos meus amigos:

— A avó está a agradecer com o nome *cherokee* para cada um dos vossos elementos.

— *Wa-do, Egela*. Tu deste-me força. — A avó tocou na face de Shau-nee e passou a Erin. — *Wa-do, Ama*. Tu deste-me força. — Por fim, tocou na face de Stevie Rae, ainda molhada das lágrimas. — *Wa-do, Elohine*. Tu deste-me força.

— Obrigada, avó Redbird — murmurou cada um dos quatro.

— *Gv-li-e-li-ga* — disse a avó, e traduziu: — Obrigada. — Depois olhou para mim. — Agora já suporto dizê-lo. — Postou-se à minha frente e pegou-me nas duas mãos. — A tua mãe foi assassinada na minha quinta de alfazema.

— O quê? — Senti o choque abalar-me. — Não compreendo. Como? Porquê?

— O xerife diz que foi um assalto, e que ela era um obstáculo. Diz que, pelo que levaram, o meu computador e a televisão e as máquinas fotográficas, e a violência aleatória do crime, deviam ser toxicodependentes a roubarem para terem dinheiro para a droga. — A avó apertou-me as mãos. — Ela tinha-o deixado, Zoeybird, e fora ter comigo. Eu estava num powwow. Faltei-lhe. — A voz da avó não vacilou, mas as lágrimas assomaram e depois caíram-lhe pelas faces.

— Não, avó, não te culpes. Não podias evitar e, se lá tivesses estado, eu teria perdido as duas – e não conseguiria aguentar!

— Eu sei, *u-we-tsi-a-ge-ya*, mas a morte de uma filha, mesmo de uma filha que se perdera, é um fardo pesado.

— Foi... ela... A mãe sofreu? — A minha voz quase não passava de um murmúrio.

— Não. Morreu depressa. — A avó falou sem hesitação, mas achei ter visto algo no seu olhar.

— Foste tu quem a encontrou?

A avó assentiu, as lágrimas caíam-lhe cada vez mais depressa pelas faces.

— Fui. Estava no campo mesmo à porta de casa. Deitada e parecia tão tranquila que, a princípio, achei mesmo que estaria a dormir. — A avó ficou com a voz embargada. — Mas não estava a dormir.

Agarrei bem nas mãos da avó e disse as palavras que sabia que ela precisava de ouvir.

— Ela está feliz, avó. Eu vi-a. Nyx limpou-lhe a mágoa. Ela está à nossa espera no Outro Mundo, e tem a bênção da Deusa.

— *Wa-do, u-we-tsi-a-ge-ya*. Tu das-me força — sussurrou a avó e abraçou-me outra vez.

— Avó — disse eu na face dela. — Fica comigo, por favor, pelo menos algum tempo.

— Não posso, *u-we-tsi-a-ge-ya*. — Ela afastou-se, mas continuou de mão dada comigo. — Sabes que honro a tradição do nosso povo e que faço luto durante sete dias, e este não é o sítio certo para fazer luto.

— Nós não ficamos aqui, avó — disse Stevie Rae, a limpar a cara à manga da camisa. — A Zoey e o grupo inteiro mudámo-nos para os túneis debaixo do depósito de Tulsa. Eu sou a Sumo-Sacerdotisa oficial, e gostaria muito que a avó ficasse connosco – durante sete dias ou sete meses – o tempo que a avó quiser.

A avó sorriu para Stevie Rae.

— Oferta muito generosa, *Elohine*, mas o vosso depósito também não é o sítio certo para fazer luto. — A avó fitou-me e eu soube o que ela iria dizer antes mesmo de ela falar. — Tenho de estar na minha terra, na quinta. Tenho de passar a próxima semana a comer e a dormir o mínimo. Tenho de me concentrar na purificação da minha casa e da minha terra por causa deste ato funesto.

— Sozinha, avó? — Stark estava a meu lado, uma presença forte e quente. — Será seguro depois do que aconteceu?

— *Tsi-ta-ga-a-sh-ya*, não te deixes enganar pela minha aparência. — Ela chamou “galo” a Stark, a alcunha que lhe pusera. — Sou muitas coisas, mas nenhuma delas é uma velha indefesa.

— Eu nunca a tomaria por indefesa — corrigiu-se Stark. — Mas talvez não seja boa ideia a avó ficar sozinha.

— Pois, avó, o Stark tem razão — disse eu.

— *U-we-tsi-a-ge-ya*, tenho de purificar o meu lar, a minha terra, a mim própria enquanto faço luto. Só poderei fazê-lo se estiver em paz com a terra, e não dormirei em casa enquanto não estiver completamente purificada e passarem os sete dias. Vou acampar no terreno, no prado ao lado do ribeiro. — A avó sorriu para Stark, Stevie Rae e o resto dos meus amigos. — Não creio que vocês pudessem estar tanto tempo expostos à luz do dia.

— Bem, avó, eu... — comecei, mas ela interrompeu-me.

— É algo que devo fazer sozinha, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Mas tenho algo a pedir-te.

— Seja o que for — respondi.

— Daqui a sete dias, não te importas de lá ir à quinta com os teus amigos? De invocar um círculo e executar um ritual de purificação dos teus?

— Não me importo nada. — Assenti, e abarqueei com o olhar os amigos que me rodeavam.

— Não nos importamos nada — disse Stevie Rae. Os miúdos que estavam a meu lado e à minha volta repetiram as mesmas palavras.

— Então assim será — afirmou a avó. — A tradição cherokee de luto e purificação será reforçada com um ritual vampyrico. Ainda bem que assim é, pois a minha família alargou-se para incluir muitos vampyros e iniciados. — Os olhos dela contemplaram o meu grupo. — Peço mais uma coisa. Que cada um de vocês tenha pensamentos alegres comigo, com a mãe da Zoey, nos próximos sete dias. Não importa que a Linda tenha vacilado na vida. O que importa é que seja recordada com afeto e pensamentos bondosos.

Ouvi “Assim faremos” e “Está bem, avó” a toda a minha volta.

— Agora vou-me, *u-we-tsi-a-ge-ya*. O Sol não tarda a nascer e quero saudá-lo na minha terra. — Ainda de mão dada, eu e a avó dirigimo-nos à porta. Quando ela passou pelos meus amigos, cada qual a tocou e disse:

— Adeus, avó — e ela sorriu por entre as lágrimas.

À porta, tivemos um momento de privacidade e eu abracei-a outra vez, e disse:

— Compreendo porque é que tens de ir, mas quem me dera que não fosses.

— Eu sei, mas daqui a sete dias...

A porta abriu-se e Neferet apareceu de repente, com ar pesaroso e enganadoramente belo.

— Sylvia, constou-me da sua família. Aceite por favor as minhas sinceras condolências pela morte da sua filha.

A avó ficara tensa quando ouvira a voz de Neferet e saíra dos meus braços. Respirou fundo e encarou a vampyra.

— Aceito as suas condolências, Neferet. Sinto a sinceridade delas.

— Há alguma coisa que a Casa da Noite possa fazer por si? Precisa de alguma coisa?

— Os elementos já me deram força, e a Deusa recebeu a minha filha no Outro Mundo.

Neferet assentiu.

— A Zoey e os amigos são muito bons, e a Deusa é generosa.

— Não creio que tenha sido bondade ou generosidade o que motivou os atos da Zoey e dos amigos ou da Deusa. Creio que foi amor. Não lhe parece, Sumo-Sacerdotisa?

Neferet fez que estava mesmo a ponderar na questão da avó, e depois respondeu:

— Parece-me que a Sylvia *poderá* ter razão.

— Sim, poderei. E há uma coisa que preciso da Casa da Noite.

— Seria uma honra auxiliar uma Mulher Sábia num momento de necessidade — disse Neferet.

— Obrigada. Peço que a Zoey e o seu círculo possam ir à minha terra daqui a sete dias executar um ritual de purificação. Isso concluiria o meu luto e limparia a minha casa de qualquer mal remanescente.

Vi algo no olhar de Neferet – algo que, por momentos, poderia ter sido medo. Porém, quando falou, o semblante e a voz só transmitiam solicitude educada.

— Com certeza. Autorizo livremente esse ritual.

— Obrigada, Neferet — disse a avó, e depois abraçou-me mais uma vez e beijou-me docemente. — Daqui a sete dias, *u-we-tsi-a-ge-ya*. Encontramo-nos nessa altura.

Pisquei os olhos depressa, para reter as lágrimas. Não queria despedir-me da avó a chorar baba e ranho.

— Sete dias. Adoro-te, avó. Nunca te esqueças disso.

— Nunca poderia esquecer, como nunca poderia esquecer-me de respirar. Também te adoro, filha.

Depois a avó virou-se e foi-se embora. Fiquei à porta, a ver-lhe as costas fortes e muito direitas até a noite a ocultar de mim.

— Vamos, Z. — Stark pôs o braço pelos meus ombros. — Acho que já tivemos todos escola que chegue para um dia. Vamos para casa.

— Pois, Z. Vamos para casa — disse Stevie Rae.

Eu só assentia, a preparar-me para lhes dizer que sim quando senti um calor súbito no peito. A princípio, fiquei confusa. Levei a mão ao sítio e toquei no círculo duro que começara a irradiar calor.

Depois Aurox apareceu. Vinha com o Dragão Lankford.

— Zoey, constou-me a má notícia sobre a tua mãe. Os meus sentimentos — disse o Dragão.

— Ob-obrigada — balbuciei. Não olhei para Aurox. Lembrei-me das palavras de Lenóbia, em como tinha de manter uma fachada impenetrável perto dele, mas sentia-me demasiado dorida, demasiado ferida para fazer mais do que dizer ao Stark:

— Quero ir para casa, mas primeiro preciso de um minuto só para mim. — Antes ainda que ele dissesse que sim, soltei-me do braço dele e passei pelo Dragão e por Aurox.

— Zoey? — chamou Stark. — Aonde vais...

— Vou à fonte que fica no pátio ao lado do parque de estacionamento — disse por cima do ombro. Vi que ele franzira o sobrolho com ar preocupado, mas não pude evitar. Precisava de Sair Dali.

— Vai buscar-me quando já estiverem todos na carrinha, está bem?

Não esperei resposta. Baixei a cabeça e acelerei pelo passeio que contornava o edifício principal da escola. Quase a correr, virei à direita e fui

logo para o banco de ferro que ficava por baixo de uma das árvores que rodeava a fonte e a zona ajardinada a que os iniciados chamavam o pátio dos profes, porque ficava ao lado da parte da escola onde era o alojamento deles. Sabia que, se houvesse alguém a olhar por uma das janelas grandes e bonitas, seria vista, mas também sabia que todos os professores estariam a terminar a sexta hora nas suas salas de aula, ou seja, aquele era o único lugar do recinto onde eu podia contar estar sozinha.

Sentei-me, à sombra de um elmo enorme, a tentar controlar os pensamentos. A presença de Aurox bulia-me com a cabeça, e eu não sabia porquê. *Neste momento, neste preciso segundo, não me rala mesmo nada. A mãe morreu. Seja lá o que for que a Neferet e o Mal me tencionam fazer, é que nem pensem! Nem pensem em chatear-me agora, todos!* Estes pensamentos eram mauzinhos e armados em durões, mas a lágrima que me corria pela face contava uma história bem diferente.

A mãe já não é deste mundo. Não está em casa à espera do traste do meu padraсто nem a mexericar na cozinha. Não posso ligar-lhe para a ouvir ralar e pregar-me um sermão por ser péssima filha. Era uma sensação estranha, não ter mãe. Quer dizer, eu e ela estávamos distantes há mais de três anos, mas eu nunca deixara de ter esperança de que ela um dia caísse em si, deixasse aquele idiota com quem se casara, e voltasse a ser a minha mãezinha.

— Ela tinha-o deixado — disse eu. — Não me posso esquecer disso. — A voz saiu-me esganiçada, mas pigarreei e falei alto para a noite: — Mãezinha, desculpa não nos termos despedido. Adoro-te. Sempre adorei, sempre hei de adorar. — Depois escondi a cara com as mãos e cedi à tormenta de tristeza terrível que se acumulara dentro de mim, e desatei a chorar.

Aurox

A iniciada chamada Zoey – a que tinha as tatuagens estranhas que lhe cobriam não só a cara, como também os ombros, as mãos e, como Neferet o informara, outras partes do seu corpo – dava-lhe uma sensação estranha.

Neferet dissera que Zoey era sua inimiga. Isso fazia de Zoey inimiga dele também. Aquela que era inimiga da sua senhora era um perigo – esse perigo devia ser o motivo para ele sentir estranheza quando ela

estava por perto. Aurox reparou na direção em que Zoey fugira. Ele devia reparar em tudo sobre ela. Zoey era perigosa.

— Neferet, tenho de falar contigo a respeito das novas aulas que têm lugar no picadeiro de Lenóbia — dizia o Dragão Lankford.

Os olhos verdes e frios de Neferet viraram-se para o Dragão.

— O Alto Conselho decidiu que esses iniciados ficam, pelo menos por enquanto.

— Compreendo, mas...

— Mas preferes o Zomba-Corvos nas tuas aulas? — estalou Neferet.

— O Refaim já não é Zomba-Corvos. — A Sumo-Sacerdotisa Vermelha saltara logo em defesa do seu parceiro.

— E contudo ele chama irmãos às criaturas, aos Zomba-Corvos — disse Aurox.

— De facto, Aurox, observação relevante — disse Neferet sem olhar para ele. — Dado que tu és a dádiva que Nyx me concedeu, creio ser importante dar ouvidos às tuas observações.

— Mas qual é o caraças do problema? Eles são irmãos dele e *pronto*. Ele não anda a tentar esconder isso. — A abanar a cabeça, a Sumo-Sacerdotisa Vermelha fitou-o. Aurox viu tristeza e raiva nos olhos dela, embora as emoções não tivessem força suficiente para ele as sentir — para ele buscar poder nelas. — Não devias ter matado aquele Zomba-Corvos. Ele não estava a atacar ninguém.

— Parece-te que devemos esperar que as criaturas destruam mais um de nós antes de avançarmos contra elas? — inquiriu o Dragão Lankford.

A raiva do Mestre de Esgrima era mais tangível e Aurox absorveu parte da força dela. Sentiu-a ferver-lhe no sangue — pulsar — alimentar — transmutar.

— Aurox, já não és preciso aqui. Podes ir tratar das tuas obrigações. Começa aqui no edifício principal e dá a volta ao perímetro da escola. Patrulha o recinto. Assegura-te de que nenhum dos Zomba-Corvos volta cá. — A sua senhora olhou para a Sumo-Sacerdotisa Vermelha e acrescentou: — A minha ordem é atacar apenas aqueles que te ameçarem ou à escola.

— Sim, Sacerdotisa. — Ele fez-lhe uma vénia e depois saiu às arre-cuas e adensou-se na noite, ainda a ouvir a Sumo-Sacerdotisa Vermelha a defender o parceiro. *Ela também é inimiga, embora a minha senhora diga que é de um tipo diferente — do tipo que se pode vir a usar.*

Aurox contemplou as complexidades daqueles que se opunham a Neferet. Ela explicara-lhe que um dia, dentro em breve, todos aqueles ini-

ciados e vampyros lhe prestariam vassalagem ou seriam destruídos. A sua senhora estava ansiosa que esse dia chegasse. Aurox também estava ansioso que esse dia chegasse.

Saiu do passeio e virou à direita, para um dos extremos do edifício principal da escola. Aurox contornou os candeeiros tremeluzentes. Preferia instintivamente as sombras mais fundas e os cantos mais escuros. Tinha sempre os sentidos em alerta, sempre à espreita. Assim, achou esquisito ter-se sobressaltado com o lenço de papel. Era um simples retângulo branco. A esvoaçar ao vento, diante dele, quase como um pássaro. Aurox parou, estendeu a mão e agarrou nele.

Que estranho, pensou, um lenço de papel a esvoaçar. Sem racionalizar, enfiou-o no bolso das calças de ganga. Descartou aquela sensação bizarra e sinistra e continuou a andar.

As emoções dela atingiram-no depois de dar mais dois passos.

Tristeza – profunda, mágoa opressiva. E culpa. Havia culpa nos sentimentos dela também.

Aurox sabia que era a jovem Sumo-Sacerdotisa iniciada – Zoey Redbird. Disse de si para consigo que só se aproximava dela porque era sensato observar o inimigo. Porém, quando se aproximou – e os sentimentos dela o assolaram –, aconteceu-lhe algo inesperado. Em vez de absorver as emoções dela e se alimentar delas, Aurox absorveu-as e *sentiu*.

Não se metamorfoseou. Não começou a transformar-se na criatura de imenso poder.

Antes pelo contrário, Aurox *sentiu*.

A mágoa de Zoey atraiu-o e, quando ficou nas sombras que a rodeavam e a viu chorar, a emoção dela chegou até ele, reuniu-se e acumulou-se num sítio pequenino, sossegado e oculto no mais fundo do seu espírito. Aurox absorveu a tristeza e a culpa, a solidão e o desespero de Zoey, e houve algo dentro dele que reagiu.

Era completamente inesperado e liminarmente inaceitável, mas Aurox queria confortar Zoey Redbird. O impulso era tão incognoscível para ele que o chocou a ponto de o fazer agir por instinto, como se fosse o subconsciente a guiar-lhe o corpo.

Saiu das trevas no mesmo momento em que ela se mexeu, que levou a palma da mão ao meio do peito. Ela piscou os olhos, obviamente a tentar ver no meio das lágrimas, e os olhos dela encontraram-no. Endireitou o corpo e parecia estar prestes a fugir.

— Não, não é preciso ires-te embora — Aurox deu consigo a dizer.

— O que queres? — perguntou ela, e depois soluçou outra vez.

— Nada. Ia a passar. Tu estavas a chorar. Eu ouvi.

— Quero estar sozinha — disse ela, a limpar a cara com as costas da mão e a fungar.

Aurox só se apercebeu do que fazia a seguir quando, junto com a rapariga, ficou a olhar para a própria mão e para o lenço de papel que tirara do bolso para lhe dar.

— Então deixo-te, mas vais precisar disto — disse ele, e as palavras soaram-lhe formais e estranhas aos próprios ouvidos. — Tens a cara toda molhada.

Ela ficou a olhar para o lenço de papel um momento antes de lhe pegar, e depois olhou para ele.

— Eu choro mesmo baba e ranho.

Ele sentiu a cabeça a mexer. — Pois choras.

Ela assoou-se e limpou a cara.

— Obrigada. Nunca tenho um lenço a jeito quando preciso.

— Eu sei — disse ele. Depois sentiu a cara a arder e o corpo enregelado porque não havia absolutamente razão nenhuma para dizer tal coisa. Ele não tinha razão para falar com aquela iniciada inimiga, de todo.

Ela estava outra vez a olhar para ele, com uma expressão estranha na cara.

— O que é que disseste?

— Que tenho de me ir embora. — Aurox virou-se e desapareceu depressa na noite. Estava a contar que as emoções que ela o fizera sentir se desvanecessem, saíssem dele, tal como acontecia com as emoções dos outros depois de ele as absorver, usar, e descartar. Porém, parte da tristeza da Zoey ficou com ele, e a culpa também e, o mais peculiar de tudo, a solidão dela ficou com ele num abismo fundo e escondido da sua alma.